

AQUELES DIAS: COVID 19

Marco Antonio Gandolfo

Midiograf II

Londrina

2023

Copyright® 2023 by Marco Antonio Gandolfo.
É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio ou sistema sem
prévia autorização do detentor dos direitos autorais (Lei 5.998).

Capa
Isis Delvaz Gandolfo

Revisão
Mara Delvaz Gandolfo

Projeto Gráfico
Willian Beraldo

Tiragem
1000 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gandolfo, Marco Antonio
Aqueles dias : covid 19 / Marco Antonio
Gandolfo. -- Londrina, PR : Midiograf, 2023.

ISBN 978-65-86442-41-0

1. COVID-19 - Diagnóstico 2. Experiência -
Relatos 3. Homens - Autobiografia 4. Superação -
Histórias de vida I. Título.

23-168034

CDD-920

Índices para catálogo sistemático:

1. Superação : Histórias de vida 920

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Dedicatória

*À minha esposa Mara
e meus filhos Ulisses e Isis
pelo amor dispensado a mim.*

*Aos meus amigos e demais familiares
pelas orações e permanente incentivo
em minha recuperação.*

*A todos os profissionais de saúde
pela coragem e dedicação demonstrada no
tratamento dos doentes durante a pandemia.*

*E a Deus, pela oportunidade de reaprender novos
valores e seguir meu caminho nesta frequência
existencial de aprendizado e de elevação espiritual.*

PREFÁCIO

Essa obra autobiográfica intitulada *AQUELES DIAS: COVID 19*, nasce da necessidade de relatar um período difícil vivido pelo seu autor Marco Antonio Gandolfo, quando se contaminou com o vírus da Covid 19. Sobre os dias em que ficou entre a vida e a morte, desde o Hospital São Lucas em Bandeirantes - PR, na UTI do Hospital da Unimed de Cornélio Procópio - PR, das graves complicações posteriores no Hospital do Coração em Londrina - PR. E por fim, do longo período enfrentado até sua total recuperação.

Necessidade essa que foi fruto de muitos questionamentos e dúvidas por parte de amigos e até pessoas desconhecidas que perderam seus entes queridos de forma brusca, sem acompanhamentos em hospitais e nem despedidas em velórios. Vidas ceifadas por uma doença mortal e sem tratamento específico, na época em que estava no auge de óbitos e a vacina não havia chegado para a população.

Medos, sonhos, pesadelos, dúvidas da própria sobrevivência, a intubação, o despertar de uma traqueostomia, os amigos que perderam suas vidas, o sofrimento da família, a gravidade das doenças oportunistas, das sequelas e a difícil busca pela recuperação. Temas tratados aqui nesta obra que marcam um tempo doloroso de se recordar, mas que hoje estão em nossas memórias como gratidão pela vida.

A presente obra cumpre seu objetivo, qual seja de oferecer aos leitores um panorama dos difíceis momentos vividos por um paciente que foi infectado pela Covid19 em 2021 e sua luta pela sobrevivência numa UTI de Hospital.

Mara Delvaz Garcia Gandolfo



Aponte aqui a câmera do seu celular e veja o vídeo

CAPÍTULO 1

Por Marco Antonio Gandolfo

O início de minha história

Como normalmente acontecia nas escolas da minha geração na década de 70, a educação física sem dúvida era a disciplina preferida entre os garotos. Desde a escola primária eu e meus amigos disputávamos cada segundo nas provas de velocidade, tentando provar que um era mais forte e mais rápido que o outro. Talvez pela influência dos filmes quase diários de Tarzan com o ator Ron Ely, que nos maravilhava com sua força diante dos desafios da selva e dos vilões que frequentemente enfrentava e sempre vencida.

Logo em seguida com acesso ao Itapoã Clube de Campo da Cidade de Santa Mariana, aprendi a nadar numa piscina grande e muito bem cuidada. A água sempre me atraiu e me envolvia como um emalo me oferecendo uma liberdade sem igual. Eu nadava, mergulhava e flutuava como ninguém e aprendi a competir entre os mais velozes atletas locais. Algumas competições me obrigaram a seguir regras e tive que diversificar as modalidades para competir e oficializar algumas vitórias.

Embora estas competições também nos divertissem, nós ainda preferíamos a informalidade das disputas entre amigos. Entre nós não havia vaidade, apenas o prazer inocente de chegar primeiro para, aos risos, provocar novas disputas. Ainda que na inocência, meu corpo foi tomando forma e adaptando-se ao esforço e à recuperação rápida do cansaço e eu me orgulhava muito disso.

Uma doença grave na pré-adolescência: a meningite

Houve então, de súbito, uma parada obrigatória nesta etapa de preparação física para tratamento de uma meningite meningocócica, que aos onze anos, quase pôs fim a minha imortalidade juvenil. Me lembro que na sequência de uma caxumba, a febre e os vômitos constantes e um estado de enorme fraqueza fez minha mãe levar-me a um médico especialista de Cornélio Procópio, que logo no primeiro exame constatou a rigidez da nuca, sendo confirmada a doença que ocorria no período de uma epidemia no Brasil. Retornamos então a Santa Mariana, onde fui internamento no hospital Santa Alice.

Como se tratava de uma doença infectocontagiosa e não havendo opção para ser internado em ala específica devido a indisponibilidade de vagas em hospitais especializados, foi preparado e adaptado um apartamento onde até então era um almoxarifado, que ficava fora das alas daquele hospital. Naquele quarto eu fiquei por aproximadamente onze dias em tratamento intensivo, sendo atendido por uma enfermeira chamada Isolina e minha mãe, que contrariando os médicos devido aos riscos de

contrair a doença, permaneceu comigo naquele quarto durante todo o tempo. Por alguma razão ela não contraiu a doença, mesmo não usando equipamentos de proteção individual, tal como fazia a enfermeira.

Me lembro das injeções de antibióticos a cada três horas que eram muito doloridas e injetadas no tubo do soro. Elas queimavam minhas veias como fogo e minha mãe passava um algodão embebido em álcool sobre os braços para aliviar a dor. Também havia as retiradas do líquido cefalorraquidiano, que demandava a introdução de uma agulha na medula lombar, o que me causava uma pressão enorme e uma dor dilacerante na vértebra. Duas pessoas me seguravam firme na lateral da cama, enquanto sentado e preso, outra pessoa fazia a punção. Eu gritava de dor e tentava, sem sucesso, me desprender daquela tortura.

Depois da primeira vez, nas próximas minha mãe se ajoelhava no chão a minha frente e segurando minha mão nós rezávamos à Santa a quem ela tem inabalável devoção, Nossa Senhora Aparecida, e a ela pedíamos o alívio da dor daquele terrível exame. Fiz este procedimento três vezes para identificar o nível de infecção da doença e assegurar a eficácia do tratamento e na última vez, acreditem ou não, as orações deram resultado e eu não senti absolutamente nada, apenas me avisaram que havia terminado enquanto eu ainda rezava agarrado a mão de minha mãe.

Apesar do tempo no hospital e muito mais tempo ainda de isolamento e recuperação em casa, aprendi a superar as restrições e ir adiante, buscando novamente minha forma física sem dar muita atenção ao que ficou para traz. Em uns seis meses eu já competia novamente com a mesma disposição, com a força e o peso recuperados.

No período de 1970 e 1973 a meningite teve uma taxa de letalidade de 14% entre os infectados e eu soube da partida de pessoas muito próximas pela doença, inclusive de amigos com quem havia competido e brincado muitas vezes. E eu, por alguma razão e apesar da gravidade da infecção, ainda estava aqui.

A adolescência, o esporte e os desfrutes da juventude

Já adolescente e pelo fato de ser o mais alto da turma com 1,91 metros, uma envergadura avantajada e treino pesado eu me destaquei primeiramente nadando, depois como jogador de basquetebol, de voleibol e até um pouco de futebol como goleiro. Mas além das atividades físicas, outros atrativos comuns aos jovens da década de 70 e 80 como o cigarro, algumas noitadas em claro e um pouco de álcool também fizeram parte desta jornada por mais de vinte anos. Assim, abdiquei da prioridade nas atividades físicas para atender outras demandas. Também havia a Universidade, o casamento e a educação dos filhos.

Somente ao perceber os prejuízos respiratórios durante os jogos e competições amadoras é que tomei a decisão de resistir ao tabagismo e recuperar o estado de absoluta supremacia física de que tanto me orgulhara. Retornei então para a piscina numa academia para meu condicionamento respiratório, onde com a orientação profissional e automotivação pude competir comigo mesmo pelo menos duas vezes por semana. Sigo nesta atividade até a os dias de hoje, não mais com o mesmo fôlego, mas certamente com o mesmo orgulho.

A gripe: uma doença não tão inocente

A gripe é uma doença causada pelo vírus da influenza que afeta o sistema respiratório e pode apresentar vários sintomas como, febre, dor de garganta, redução da capacidade respiratória, cansaço, tosse e secreção nasal, entre outros. Em casos mais graves e em pessoas menos resistentes ao vírus, suas complicações levam à morte, segundo estudos a gripe vitimiza mais de 500 mil pessoas por ano em todo o mundo, sendo classificada pela OMS como a quarta causa de mortes humanas.

A transmissão ocorre principalmente quando as pessoas tosse, espirram ou falam e expelem gotículas contendo o vírus, que entra em contato direta ou indiretamente com a boca, nariz ou olhos de outras pessoas, se instalando nos pulmões onde inicia a contaminação.

Entre as gripes mais letais da história, a Gripe Espanhola se destaca por ter levado a morte entre 50 e 100 milhões de pessoas durante os anos de 1918 a 1920. Entre 1957 e 1958 a Gripe Asiática surgiu na china e logo se espalhou pela Asia matando entre 2 e 4 milhões de pessoas. Dez anos depois, a Gripe de Hong Kong matou 3 milhões de pessoas pelo mundo, sendo disseminada pelas aves que tinham contato com os humanos. Nos anos seguintes vieram a Gripe Aviária, a Gripe Suína, a H1N1 e a Sars Cov 2, apelidada de Coronavírus ou Covid 19. Somente a Covid 19 pode ter matado 15 milhões de pessoas entre os anos de 2020 e 2021.

A chegada do vírus no Brasil

Entre tantas gripes que já vieram e se foram, até aquele momento nenhuma havia representado risco de verdade para nós. Principalmente quando avaliadas pela percepção de um suposto super-homem que vivia numa cidade pequena, que dado ao pouco movimento, não haveria de ser a causa da ruína de nosso sossego, nem de nossa saúde.

As notícias daquele mês de janeiro de 2020 pareciam importantes. A Organização Mundial da Saúde anunciava uma nova ameaça diante da possibilidade de que uma doença respiratória grave, parecida a uma pneumonia, e que poderia tornar-se uma pandemia. Assim aconteceu e no mês seguinte a pandemia foi oficialmente anunciada. Por conceito, pandemia é uma enfermidade epidêmica disseminada para várias regiões do mundo ao mesmo tempo. Como previsto, o primeiro caso brasileiro foi confirmado em março daquele ano.

A doença em nossa família

Entre os novos casos que cresciam em disparada, as notícias e a despeito de toda propaganda e atenção aos cuidados, a praga se espalhou rápido até que chegou a nossa pequena cidade de Bandeirantes, não havendo mais nenhum local seguro. Nem mesmo em minha própria casa onde respeitávamos o uso da máscara no rosto, do álcool gel nas mãos e, na medida do possível, a ordem de não sair de casa. Minha esposa Mara, dois dias após uma reunião presencial e obrigatória da escola onde trabalhava, começava com os primeiros sintomas.

De uma leve e estranha coceira na garganta e a confirmação positiva, vieram a febre e as dificuldades respiratórias, sendo surpreendida no quinto dia de tratamento com uma saturação por oxigênio muito baixa, o que justificava seu traslado para um hospital. Assim, ela saiu do posto de atendimento para Covid numa ambulância, com internamento para complementação de oxigênio por cateter nasal.

Isso nos assustou e nos mostrou como estávamos de mãos atadas por não poder fazer mais nada, já que nenhum médico tinha experiência no tratamento e não havendo remédio que contivesse a doença. Sequer pudemos escolher o hospital para onde ela seria levada e eu somente observei minha companheira de 35 anos em sofrimento, entrando de maca numa ambulância, enquanto as pessoas ao redor se afastavam, com medo e com razão, daquela ameaça que agora minha esposa representava.

Três dias após os sintomas dela, eu também já me sentia afetado. Passei um domingo sonolento e um pouco indisposto, mas não o suficiente para escolher a melhor cerveja IPA de minha pequena coleção para tomar como fazia tradicionalmente aos domingos. Fiz isso já pensando, remotamente, na possibilidade de não haver outra oportunidade, por isso a melhor da coleção.

O dia seguinte foi mais pesado, com febre alta, calafrios e uma fraqueza que me prendeu na cama por todo o dia. Sem a menor disposição para comer ou realizar qualquer atividade física. Algo diferente estava acontecendo. Na mesma segunda feira a noite, fui tomado por uma sudorese jamais sentida. Duas horas de um calor intenso que me fez tomar outro banho e dispensar as roupas enxarcadas de suor.

Da sudorese seguiu-se subitamente uma sensação de total normalidade, disposição e saúde. Acreditei ter passado a fase dos riscos de complicações, e havia uma razão óbvia para

isso, minha saúde perfeita com histórico de atleta e ausência de comorbidades. As comorbidades como a obesidade, a diabetes, problemas prévios cardiovasculares, pulmonares e renais eram tidas, naquele momento, como as principais causas de complicações seguidas de mortes, já que aumentavam a vulnerabilidade daquelas pessoas às várias complicações da doença, elevando o tempo de internamento, requerendo até intubação, entre outros procedimentos médicos mais debilitantes e de maior risco.

O acompanhamento do meu estado por um médico e a suposição que minha fase de risco havia passado, voltaram nossa atenção novamente para Mara, que neste momento ainda estava internada no hospital São Lucas da nossa cidade, dependendo de cateter nasal com oxigênio para equilibrar a respiração.

Dia após dia avaliávamos a evolução dela e já sem complementação de oxigênio e quase curada, ficamos aliviados com a previsão de alta no próximo sábado, cinco dias após sua internação. Embora surpreso e assustado pelos efeitos da doença na família, já convencido de que o drama seguia seu rumo natural para os capítulos finais, ao anoitecer da quinta feira minha disposição já não parecia a mesma, quem sabe pela tensão vivida pelos riscos que minha esposa correria naquela semana.

Uma noite terrível separou dois dias muito diferentes. Toda a energia e a esperança da quinta feira transformada em indisposição plena, além de febre e uma tosse raivosa e ininterrupta que desejava incansavelmente explodir meus pulmões. Retornando logo de manhã ao mesmo hospital onde estava Mara para internação e já sem forças, eu não conseguia sequer atender os comandos do tomógrafo para prender a respiração por dois ou três segundos. Este foi o momento que a luz amarela de meu alarme vital foi acesa. Então começava ali, um longo período de sofrimento, luta e destruição física que eu jamais imaginei ser possível para um corpo forte e perfeito como o meu.

O primeiro hospital

Ainda no hospital São Lucas, na Cidade de Bandeirantes, os dias e as noites foram marcados pela tosse e a febre que ainda me agrediam. Já não havia momento de trégua e a infecção avançava pelo meu corpo, pontuando a cada round numa luta desigual, pois apesar dos inúmeros estudos, não havia conhecimento suficiente para tratá-la e contê-la, tal como eu já havia experimentado durante a meningite vivida em 1973.

Embora abatido, gostava das visitas da copeira Jô, que vinha todos os dias e iluminava meu quarto me alegrando por alguns minutos. Ela frequentemente trazia um chá com pães torrados e gelatina que eu ainda conseguia comer, mas me trazia ainda mais, uma esperança de que tudo daria certo e que todo esforço seria recompensado. Com sua fé eu me abastecia de esperança e fizemos juntos até uma pequena oração em prol da minha recuperação. Me lembro de quando nos despedimos e levei toda sua força, deixando minha gratidão pelo carinho e atenção.

O segundo hospital

Ao final do sexto dia por recomendação médica, minha transferência para um hospital em Cornélio Procópio com maiores recursos no tratamento das complicações da doença foi providenciada, sendo também orientado pelo médico e amigo Dr. Hugo, da possibilidade de uma intubação, pois meu estado se agravava rapidamente e sem controle. Seguiu-se então a busca por uma ambulância disponível. Reconheço que nossa região

dispõe de uma estrutura médica excepcional, mas imagino também a quantidade de pessoas que como eu naquele momento, necessitavam de transportes e leitos em outro hospital com tratamentos especializados, num período em que a morte levava, só pela Covid 19, mais de três mil brasileiros todos os dias, além de infectar cem mil indivíduos no mesmo período.

Finalmente na ambulância e com uma máscara de oxigênio permanentemente no rosto, cheguei ao hospital de destino. Um hospital novo da Unimed que estava, naquele momento, atendendo somente pacientes com Covid 19. Pude ver de longe no pátio do estacionamento minha filha Isis e seu noivo João. Nos vimos a uma distância de segurança e eu então senti uma saudade plena de medo de que aquela seria nossa despedida. Também vi tristeza e aflição em seus olhos, sem sequer poder dar-lhes uma palavra de alento. Talvez nem eu mesmo saberia o que dizer, pois suspeitava que o resultado seria trágico, considerando o avanço da doença naquela semana.

A UTI

Pela primeira vez eu conheci uma Unidade de Terapia Intensiva. Aqueles aparelhos emitiam sons que intercalados ou não às tosses e constantes pedidos de socorro me custaram a acostumar. Tinha pelo menos umas 10 pessoas ao alcance da minha visão, mas imagino que somente naquela sala havia no mínimo o dobro. Entre elas um homem jovem à minha frente, com um dispositivo estranho parecido ao que supus ser um filtro, conectado por um tubo na garganta. Perguntei a enfermeira e ela me confirmou ser uma traqueostomia. Aquilo me arrepiou e me apertou de vez o estômago. Aquele homem não sobreviveu,

tal como todos os pacientes demandantes de intubação e/ou traqueostomia naquele hospital até aquele momento.

Os dias que se seguiram tornaram todo o sofrimento visto naquela sala uma rotina que me abalava muito. Idosos e jovens, pais e filhos, amados ou não, a fila para sacos pretos parecia não ter fim. Corpos sem vida e vidas sem esperança estavam em todo lugar. Após três dias na UTI, fazendo uso de um respirador mecânico quatro vezes ao dia com sessões de duas horas, eu já parecia melhor.

Me lembro que ao sair da UTI eu pedi uma folha de papel e uma caneta e deixei uma mensagem de agradecimento a todos, com os seguintes dizeres: “Vocês são anjos que estão na terra para mostrar aos homens que o céu existe”. Esta mensagem foi a inspiração para que meses depois eu escrevesse o poema “Anjos na terra” em homenagem a toda equipe médica que trabalhou em minha cura. Este poema compôs o livreto de poemas “Grito contido e não proibido” de minha autoria.

Ao sair da UTI fui levado para um quarto onde eu fiquei por mais três dias junto com um conhecido da minha cidade. Se tratava de um rapaz de uns 40 anos, meu ex-aluno do curso de Agronomia da Universidade Estadual do Norte do Paraná, onde eu leciono há 33 anos. Seu nome era Wauler e dividimos, além daquele quarto, também sofrimento e esperança. Dado ao nosso pouco folego, conversávamos somente o necessário para ajuda mútua, mas percebíamos um no outro as dificuldades para respirar, o que nos lembrava a todo momento das possibilidades que nos aguardavam.

Wauler e eu fazíamos as sessões com o respirador mecânico no mesmo quarto onde revezávamos para ser o primeiro. Mas na verdade nenhum de nós fazia muita questão do tratamento, pois o equipamento de fato ajudava muito na melhora da oxigenação, mas às custas de muita energia, concentração e paciência

para obedecer a frequência respiratória imposta pela configuração do dispositivo, que era determinada pela Fisioterapeuta.

Assim, com uma máscara acoplada e vedada ao rosto, os bombeamentos e as sucções de ar eram ininterruptos e ocorriam de forma a condicionar-nos a segui-los permanentemente. Uma pequena desatenção nos fazia perder a sincronia entre as aspirações e expirações. Neste momento o equipamento interrompia as ações e reiniciava com o bombeamento após uns dois segundos, tempo suficiente para que esgotássemos o ar de nossos pulmões. Embora pareça pouco tempo, aquela interrupção de dois segundos nos colocava em desespero considerando nossas limitações respiratórias, requerendo eventualmente a retirada da máscara de forma rápida e violenta na busca de ar atmosférico que sanasse a sensação de sufoco.

A recolocação da máscara deveria ser rápida, a tempo de reiniciarmos os movimentos respiratórios determinados pela máquina, mas nem sempre isso era possível e, eventualmente, respirávamos algumas vezes sem a máscara na busca do equilíbrio respiratório antes de recolocá-la e iniciar novo martírio. Percebíamos então, o quanto o respirador era necessário, pois o ar atmosférico já não era suficiente para sanar nosso cansaço. Além disso a falta de ar que se seguia sem o respirador era progressiva nos levando a um sufoco crescente na direção do desespero.

Meu companheiro de quarto, ex-aluno e amigo, infelizmente não conseguia adequar seu compasso respiratório ao do equipamento e, lentamente, teve seu quadro agravado pela baixa saturação de oxigênio. Eu então sugeria a ele se concentrar no compasso do respirador, que mantivesse os olhos fechados sem pensar em mais nada, mas a crescente tensão, o medo e o cansaço o impediam de seguir a rotina. Enfermeiras, médicos e fisioterapeutas também tentavam ajudar de todas as formas, mas sem sucesso. Alguns dias depois ele foi encaminhado para

a UTI, eu lhe desejei saúde e todas as bênçãos divinas. Esta foi a última vez que nos vimos. Soube de sua rápida morte somente três meses depois.

Sendo engenheiro agrônomo com especialidade em equipamentos agrícolas, incluindo algum conhecimento de painéis digitais utilizados nas máquinas modernas, ademais de noções de comportamento respiratório adquiridos durante aqueles dias no hospital, eu pude acompanhar e aprender a interpretar as informações dos equipamentos a qual estava conectado. Além dos bips e alarmes, que lembravam os sonares de um submarino ou de um navio militar, os números registravam meu estado de saúde geral pela frequência cardíaca, pressão arterial e nível de saturação de oxigênio. Nesta altura eu já sabia que valores de saturação abaixo de 90 eram considerados baixos e demandavam complementação por cateter nasal. Para valores mais baixos a opção era a máscara VNI, e na medida que abaixasse mais usava-se o respirador mecânico não invasivo e em casos extremos a intubação e, por fim, a traqueostomia.

Com frequência minha saturação baixava de 90 e quando não podia ser corrigida pelo cateter nasal era usada a máscara VNI, a qual era encaixada na boca e nariz e abastecia, pelo que me lembro, em níveis de 1 a 20, a quantidade de oxigênio vinda de uma mangueira transparente que se conectava a um regulador inserido na parede, logo acima da cabeceira da cama. A máscara VNI era usada nos intervalos do respirador mecânico e tinha uma espécie de bolsa plástica que era inflada antes da aspiração. Para uma aspiração mais forte ela permitia que, com as mãos, apertássemos a bolsa plástica, forçando maior quantidade de oxigênio a entrar nos pulmões. Não usávamos muito esta prática pois, após desinflar a bolsa, ela demorava alguns décimos de segundos para inflar novamente até permitir uma respiração normal e isso induzia a novo sufoco respiratório com mais sofrimento.



Sessões com o respirador mecânico

Após alguns dias de uso da VNI intercalada com o respirador mecânico, eu observava minha saturação subir acima de 90 e após a sessão com o respirador ela caía a menos de 80, poucos minutos após sua retirada, mesmo com a VNI operando no nível máximo. Foi quando eu, lamentavelmente, tive que retornar a UTI.

Eu ainda conseguia sair da cama e me sentar e levantar de uma cadeira de rodas, mesmo com a máscara instalada no rosto e sempre apoiado por uma enfermeira, que levava com ela um carrinho de rodas com um cilindro de oxigênio portátil.

Quando eu ia ao banheiro, ela me levava até lá dentro e desconectava a mangueira do cilindro portátil do carrinho e a reconectava a um cilindro de oxigênio grande que permanecia dentro do banheiro da UTI, assim eu me mantinha privativamente abastecido e realizaria minhas necessidades e alguma higiene pessoal, que já não incluía banhos. Uma vez ao dia as enfermeiras passavam no meu corpo um pano umedecido com algum sabão de cheiro agradável, pois eu já não tinha mais como retirar a máscara para banhar-me.

Em uma destas idas ao banheiro, ao observar no manômetro do cilindro de oxigênio que havia pressão suficiente, a enfermeira conectou a mangueira de minha máscara, pondo-me sentado ao vaso sanitário e fechando a porta para minha privacidade. À medida que eu respirava, a pressão do manômetro foi abaixando e o oxigênio parecia já não ser suficiente e minha consciência foi lentamente desaparecendo. Cai então no banheiro e com as mãos apoiadas no chão e completamente zonzo, observei que a pressão do cilindro de oxigênio estava no mínimo e por isso a dificuldade para respirar e a sensação de desmaio. Num esforço final consegui levar a mão à válvula do cilindro e abri-la, momento em que o oxigênio encheu novamente meus pulmões e eu consegui recuperar minha consciência.

Analisando o acontecido, entendi que a pressão de ar existente quando foi feita a conexão, era na verdade somente do volume residual presente na mangueira e na válvula e que a enfermeira não havia aberto a válvula mestra que permite a saída do oxigênio do cilindro para o respirador. Comentei o fato sugerindo a ela que observasse com mais atenção para que isso não ocorresse novamente comigo ou com outra pessoa. Embora não tenha passado de um susto, percebi que minha situação era mais grave do que havia percebido até aquele momento. Entendi que sem a ajuda de um respirador eu perderia rapidamente a consciência e, provavelmente morreria em poucos minutos.

A percepção da morte e a intubação

Se seguiram mais alguns dias, creio que uns quatro ou cinco. Eu observava meus parâmetros vitais no painel digital, onde lia minha frequência cardíaca já com algumas alterações, variando de 45 a 140 batimentos por minuto. Eu já sabia da existência de uma arritmia classificada como benigna que, segundo os exames e os médicos há tempos, não seria algo para me preocupar. Pelo menos não numa lógica de vida normal, com as atividades físicas e a natação mais uma vez a meu favor.

Embora notória minha alteração cardíaca, os médicos não propuseram nenhuma correção naquele momento, dado ao fato de que o principal problema a ser atacado era minha limitação respiratória, sendo que a cardíaca poderia esperar.

Ademais das arritmias, eu acompanhava minha saturação por oxigênio reduzindo rapidamente após a retirada do respirador mecânico. Em menos de cinco minutos da retirada da

máscara minha saturação caía a menos de 85 e após 10 minutos a menos de 80. Me lembro de ter visto valor abaixo de 70 por várias vezes. Embora eu reconhecesse que isso não era um bom sinal, eu não me preocupava com os números, mas sim com meu estado geral e principalmente com a crescente dificuldade respiratória. Ela me trazia sofrimento e me impedia permanentemente de descansar.

Nos intervalos do respirador, a VNI mesmo no nível máximo já não supria minha demanda, pois nessa altura meus pulmões já tinham menos de 30% da capacidade normal. As sessões no respirador aumentaram para seis vezes ao dia com tempo mínimo de duas horas cada sessão. Isso significava mais 12 horas de sofrimento todos os dias e um desgaste que eu não sabia se suportaria, mas era o protocolo a ser seguido na tentativa de sobreviver.

Compreendo que o desejo de sobrevivência deve estar acima de qualquer pensamento humano, mas minha condição emocional já não estava tão preocupada com isso, pois eu vivia um estado de semiconsciência que já misturava um pouco da percepção de que deveria continuar lutando e um pouco também da entrega a um acaso que pusesse fim àquele martírio. Não deixava de pensar, porém, em minha família. Para minha mãe, minha morte ou a de qualquer de meus irmãos seria, sem dúvida, uma razão de morte para ela também, pois minha querida “mama” teve seus filhos como a maior razão de viver, e demonstra seu infinito amor até hoje. Meu querido pai também tinha pelos filhos a mesma devoção e não foi citado por já ser falecido há muitos anos num acidente de trânsito.

Também me incomodava o sentimento de derrota que minha desistência significaria para meus filhos. Embora já estivessem formados e independentes, eu desejei sempre ser o pai

herói e temia que minha entrega afetasse o orgulho que eles poderiam cultivar em minha memória. Pensava em minha esposa e sofria com a possibilidade de haver dor. Neste caso não pela derrota, mas pela interrupção de muitos sonhos ainda por realizar em união. Pelos meus irmãos não houve grande temor. Todos têm um preparo espiritual que considero muito bom e eles compreenderiam que minha partida finalizaria uma etapa de profundo sofrimento.

Eu já não descansava há vários dias, não dormia, não me alimentava e não parava de sofrer com a dificuldade respiratória constante. Além da fadiga intensa, as tosse ininterruptas ainda me destruía. Elas me faziam expelir pela boca o resultado da infecção. Retiravam de mim uma secreção horrível, mau cheirosa e gosmenta parecida a uma sopa de várias cores. Partes de tecidos necrosados também apareciam junto ao catarro e eu tinha a impressão que meus pulmões saíam pela boca de tanta tosse. Frequentemente um sangue vermelho junto ao sangue coagulado era excretado pela boca, isso indicava o nível da podridão que meu corpo enfrentava. Como ter esperança de sobrevivência acompanhando tudo isso em mim, já tendo visto o mesmo em outros que já se foram e que sofreram muito antes da partida? Seria a esperança algo conveniente? Ou desistir seria mais lógico?

Minha consciência não era plena e eu imagino que por várias vezes tive desmaios que, embora fossem resultado da minha piora, pelo menos me tiravam daquela realidade tão sofrida por alguns minutos. O movimento de médicos e enfermeiras ao meu redor aumentava e eu sabia que a situação estava se agravando rapidamente. Comecei então a pensar em todas as possibilidades e contar com uma intubação, pois assim eu tentaria evitar prejuízos cerebrais por anoxia, caso eu chegasse a

sobreviver, possibilidade muito remota àquela altura. Imaginava também que a morte me livraria daquele sofrimento e a desejei várias vezes, porém não encontrava uma forma rápida de fazê-la caso assim decidisse, pois sabia que mesmo naquelas condições isso não era uma opção entre os médicos.

Chamei então a médica chefe e comentei com ela sobre a necessidade de ser intubado. Eu já não dispunha de forças para continuar e nem para falar e sinceramente, já preferia que a morte interrompesse aquele ciclo de sofrimento crescente em que estava envolvido há mais de 14 dias. Ela concordou prontamente com a intubação e me perguntou se eu sabia dos riscos e das consequências. Eu tanto sabia, que pedi a ela que gravasse um vídeo no celular onde eu me despediria de minha família. Assim ela fez, gravou o vídeo e eu me despedi sabendo que iria morrer, o que me trouxe, no meio do desespero, um pouco de alívio, pois aquela tortura estaria por terminar.



Aponte aqui a câmera do seu celular e veja o vídeo



Momento em que a médica gravava meu vídeo de despedida.

Surpreendentemente eu não tive medo, pois mesmo não sendo uma pessoa adepta a uma religião específica, eu sempre me considerei com bom preparo espiritual pelos estudos das religiões e doutrinas que voluntariamente sempre fiz. Na verdade, eu estava tranquilo e em paz, pois segui todos os princípios da moralidade, da honestidade e do amor ao próximo como meus pais me ensinaram, então entendia que não tinha dívida para a prestação de contas com o criador no dia do juízo final e faria, portanto, jus a um bom lugar.

Me lembro da médica com as mãos em minha cabeça, com um sorriso suave nos olhos acima da máscara enquanto gravava meu vídeo. Na minha despedida eu expliquei, com muita dificuldade pois não consegui pronunciar duas palavras seguidas, a impossibilidade de seguir tentando aquele tratamento. Justifiquei estar esgotado e disposto a seguir outro rumo, mesmo que fosse a morte. Declarei meu amor por todos como, de fato são, todas as bênçãos da minha vida. Pensei que talvez eles sofressem ao ver aquilo, mas eu não poderia partir sem ao menos dizer-lhes o quanto os amava e as razões de ter desistido de lutar pela vida. Não me lembro de mais nada enquanto acordado. Imagino que me sedaram logo após a gravação do vídeo.

Os sonhos

Era um navio grande, o ruído dos equipamentos de sobrevivência da UTI parecia os sons de um sonar. Muitos marinheiros vestidos de branco me levavam para um lugar onde eu podia ver, parecido a uma praia de sol com um espaço enorme para caminhar, mas por mais que eu pedisse, não me permitiam

desembarcar. A capitã, quem depois reconheci como a médica chefe da UTI Dra. Daniele, não havia autorizado. Fiquei decepcionado várias vezes com essa decisão dela, pois tinha este sonho frequentemente e tudo se repetia.

Estávamos minha esposa Mara, minha filha Isis e eu no que parecia ser um circo. Uma família de traços orientais coordenava as tarefas dentro daquela tenda velha e não falavam uma única palavra, apenas trabalhavam bem sincronizados para tudo acontecer como deveria. Havia também uma pequena bicicleta, do tamanho de um gato que se movia por um cabo metálico muito fino. Sobre a bicicleta um pequeno autômato metálico parecido a um macaco. O cabo se estendia pelo chão, pelas paredes e até pelo teto da tenda. Enquanto a bicicleta se movia equilibrada sobre o cabo, eu ouvia um ruído parecido a uma máquina de costura e ao fundo um tic tac. Não havia mais nenhum barulho no ambiente. Enquanto observávamos aquela bicicleta se movendo, nós não conversávamos como se fosse proibido. Eu não entendia muito o porquê, mas respeitava esta regra.

Somente após muitas horas observando aquela bicicleta é que percebi que enquanto ela se movia ela costurava os móveis, os quadros e as pessoas. Eu já estava preso ao chão por várias linhas e não podia mais me mover. Tal como se fosse Gulliver na sua maior aventura. Fiquei muito desconfortável pois fui pego numa espécie de hipnose que não me permitiu observar que se tratava de um truque para me prender. Éramos todos reféns daquelas pessoas estranhas que não falavam. Esta cena do circo também se repetiu por muitas vezes e eu sempre me esquecia de agir antes de ser preso pelas costuras daquela maquininha traçoieira. Por mais que me esforçasse, não conseguia me desvencilhar das cordas. Elas me faziam sentir dentro de um tubo, sem possibilidade de mexer com os braços e as pernas, além de apertar meu tórax, tornando difícil minha respiração.

Em outro momento eu estava assistindo ao que parecia uma exposição de antiguidades. Me acompanhava o meu amigo e professor Robinson, com quem tinha aprendido muito de uma filosofia de vida baseada em princípios familiares e religiosos. Estávamos sentados em cadeiras muito confortáveis, quase deitados quando uma esteira a nossa frente começou a se mover. No meio de tantas antiguidades como móveis, vitrolas, vasos e roupas, passou também deitado em um caixão, o pai já falecido do meu amigo. Não nos assustamos e apenas observamos a esteira levar aquele corpo para outro lugar, que por alguma razão desconhecida não poderíamos ir. Choramos e lamentamos a morte daquele homem, que na verdade não cheguei a conhecer. Por mais que eu tentasse me mover na direção da esteira eu não também conseguia. Era como se tudo que significasse liberdade de movimentos fosse proibido para mim.

Mara havia me levado a um encontro de senhoras para tratar de um chá beneficente. Contrariando o combinado, ela não havia preparado o prato que deveria oferecer à ação. Tive que manobrar o carro em um local muito apertado para retornar a casa e providenciar o tal prato, já que alguém não nos permitia seguir naquele sentido da estrada. Isso me incomodou tanto que eu quase atravessasse as barreiras da estrada para seguir adiante. Minutos depois, paramos na estrada para atender a uma pessoa que me dizia para eu não me preocupar que tudo daria certo. Eu não entendi o objetivo daquele conselho e Mara também não. Ficamos uns minutos pensando qual a razão de alguém nos confortar se não estávamos passando por nenhum estresse, exceto o prato esquecido por Mara e a estrada bloqueada. Lembro que fomos embora logo em seguida, mas não nos despedimos daquela mulher.

Meu filho Ulisses e eu temos gostos semelhantes no que diz respeito a carros antigos e competições automobilísticas. Já

participamos de provas de kart e assistimos a diversas provas de marcas, de arrancadas e até da fórmula 1. Naquele sonho, porém, Ulisses participava de uma prova com um carro muito estranho, parecido com um caracol gigante. Meu primo Helder, o maior especialista que conheço em preparação de carros de competição nos ajudou e Ulisses ganhou a prova sem dificuldades. O que eu não esperava era que nosso rival e concorrente naquele dia, se revoltasse com a ajuda de Helder, pois um profissional favorecendo nossa equipe estava fora das regras e ele nos ameaçava permanentemente e nos impedia de sair daquela estrada onde a prova ocorreria. Saímos ilesos por outra estrada, mas novamente fiquei incomodado por ter minha liberdade cerceada.

Ulisses também esteve comigo em outra oportunidade. Ele e eu havíamos colocado uma placa de metal com alguns dizeres e números no fundo de um lago. Era uma placa quadrada de uns 10 centímetros que indicaria, se encontrada, que eu permanecia vivo, pois neste momento eu já admitia a possibilidade de que tivesse morrido, mesmo não sabendo da causa. Mergulhamos por horas naquele lago e eu por vezes me sentia sufocado pela falta de ar enquanto submerso, até que finalmente encontramos a tal placa. Estava nas mãos de um amigo de meu filho, que se opôs a entregá-la. Assim, mesmo sem a posse da placa, tive o primeiro sinal de que não havia morrido, mas novamente fui contrariado por não poder retomar a placa que me pertencia.

Talvez nossa imaginação crie situações para que ela própria se convença de que ainda há vida, para não ser traída pela conveniência da morte. E, embora estes bloqueios de minha vontade ocorriam com frequência nestes sonhos, eu ainda não entendo o porquê. Penso que apesar da inconsciência e, principalmente, como havia desejado tantas vezes a morte, minha imaginação criava situações e caminhos mais fáceis para atender ao

meu desejo e ao mesmo tempo me mostrava que havia também forças que me contrariavam e insistiam para que eu me mantivesse em outra direção. Talvez o caminho da vida, mas como poderia meu subconsciente contar com minha sobrevivência sem ter conhecimento técnico do que se passava numa cama da UTI? Ou seria apenas um desejo dela, enquanto conhecedora de tudo que eu estava passando para me proteger? Fica a reflexão!

Os pesadelos

O rio estava cheio e a corrente era forte e eu estava completamente submerso. Monstros enormes, com grandes chifres parecidos com touros, tinham bocas grandes e com dentes do tamanho de uma faca, vinham em minha direção. Pelas bocas saíam labaredas que passavam de uns dois metros. Estes monstros não desistiam de me atacar. Eu corria, chutava-os e esmurrava-os como podia para mantê-los o mais distante possível. Mesmo no fundo daquele rio e sem ar para respirar, eu continuava lutando. Desviava dos chifres, das labaredas, das mordidas e dos coices por muitas vezes, durante as muitas batalhas que ocorreram. Agora sabia que tinha morrido e pensava estar no inferno e me perguntava se tudo aquilo seria justo, pois acreditava que merecia um lugar melhor, pois me convencia ter cumprido com louvor meus compromissos de cristão, filho, esposo, pai e cidadão.

Nos intervalos das lutas e ainda no fundo do rio, eu era observado por pessoas estranhas e muito feias. Eram homens de baixa estatura, rechonchudos com cabelos lisos lembrando os traços andinos. As mulheres também apresentavam biotipos se-

melhantes, caracterizando uma comunidade indígena que habitava cavernas e tendas muito feias, úmidas, escuras e sujas. Havia no centro da comunidade um grande tacho sobre o fogo. A água sempre fervendo e cozinhando partes humanas, com órgãos e cartilagens flutuando naquela sopa horrível. Ao ver pessoas comendo aquelas partes eu tive nojo. Os homens carregavam seus machados que eram usados para cortar os corpos, aparentemente das mulheres que os acompanhavam, que mesmo próximas à morte dolorosa, ainda assim sorriam sarcasticamente para mim. Agora eu sabia por que me observavam, desejando que os monstros me aniquilassem rapidamente, assim poderiam cortar meu corpo e cozinhá-lo naquele mesmo tacho, onde frequentemente alguém retirava um pedaço de corpo humano e o comia segurando com as mãos e babando restos de sangue, pele e cabelos.

Estes fatos se repetiram por muitas vezes. Eu não tinha descanso. Se não estava lutando com os monstros, estava lamentando e observando o corte das cabeças e dos corpos das mulheres pelos machados de seus algozes. Eu permanecia no fundo de um rio, onde não podia respirar ainda que quisesse a qualquer custo.

Sempre que eu me via fora da água, eu sentia minha garganta machucada pela palha e pelas folhas secas de uma palmeira espinhenta. Não entendia qual era o propósito de alguém trancar minha garganta com aquilo que me machucava tanto. Eu imaginava a todo momento que alguém por compaixão retiraria aquelas folhas, da mesma forma que retiraria as amarras de um tubo que me prendia com as mãos estendidas pelo corpo. Eu tentava me mover, mas em vão. Agora compreendo que as enfermeiras amarraram meus braços e pernas com a força necessária para preservar o tubo em minha boca ou garganta e, graças a esse capricho, eu posso contar esta história neste momento.

Novamente tive a percepção de que aquele era o inferno e tal como antes, não achei justo estar lá, pois tinha plena consciência de merecer algo melhor. Então uma mulher que não pude ver a fisionomia me pegou pela mão e disse-me carinhosamente “você não morreu, você está vivo e continue lutando que valerá a pena”. Esta senhora repetiu esta frase por umas cinco vezes ao longo daquele período. Isso me tranquilizava um pouco e me fazia acreditar que a luta tinha que ser vencida, então eu lutava novamente, mesmo esgotado. Lutei tanto e alimentado por tanta raiva, aprendi também a produzir as mesmas labaredas pela boca, foi quando percebi que o próximo monstro seria eu próprio.

Enfrentei muitos seres semelhantes ao já descrito e eles me machucavam sem compaixão. Meu corpo sempre sentia uma dor em algum lugar pelas queimaduras, coices, chifradas ou pisoteio. Minha coluna era o meu maior incômodo, mas também tinha dores na cabeça, nos braços e nas pernas. Quando jovem, adquiri uma protrusão discal na coluna, algo semelhante a uma hérnia de disco e somente depois do que passei com essa dor e após recobrar minha consciência, é que compreendi que os monstros poderiam ser, na verdade, a expressão de minha imaginação para justificar as dores naqueles dias em que estive deitado com uma inflamação na coluna. As dores de cabeça, pernas e braços eram, possivelmente, devido a introdução dos cateteres, da existência e tratamento das escaras formadas pela imobilidade e das amarras que me mantinham imóvel durante a intubação e durante a extubação.

A extubação ou desmame refere-se ao processo de transição entre a respiração artificial, proporcionada pela ventilação mecânica com tubo endotraqueal e a respiração espontânea. A retirada do respirador deve ser realizada de forma lenta, não de-

vendo superar 30 minutos seguidos com intervalos de até duas horas e pode demorar até sete dias para que o paciente readquirira a condição de respirar naturalmente, dependendo do tempo a que fora intubado e de seus parâmetros vitais. Daí, quem sabe, minhas frequentes percepções de sufoco durante os pesadelos.

Uma rampa de vidro com uns 30 metros de altura, dentro de um cilindro de vidro de uns 50 metros de diâmetro. Água jorrando em todas as direções em movimentos fortes que me arrastavam para todos os lados. Mas como previsto, agora eu era um monstro, feio, forte e temido. Um corpo de puros músculos, grandes braços e chifres que aterrorizavam as pessoas. Meus cabelos formavam tentáculos que se prolongavam pelas costas eu controlava como mãos. Eu subia pela rampa agarrado às cordas com certa facilidade, dado a minha força naquele momento.

As pessoas fora do cilindro de vidro me observavam, fotografavam e se amedrontavam quando eu fazia um movimento agressivo na direção delas. Eu reconhecia que era muito feio, mas pelo menos aqueles monstros e os andinos não seriam mais uma ameaça, pois mesmo estando sob a água, com pouco fôlego, agora eu dispunha da força necessária para lutar e sobreviver.

Outros pesadelos os quais ainda tenho flashes na memória aconteceram, mas não consigo descrevê-los dado a falta de sequência dos fatos e inseri-los aqui não favoreceria o entendimento do leitor. Posso apenas comentar que todo o período foi de muito sofrimento, medo, dor e luta. Estes pesadelos ainda me atormentam e ao recordar os detalhes eu tenho náuseas e um desconforto psicológico que tento ignorar. Assim vou em frente acreditando que aqueles locais, aqueles monstros e as pessoas não existem de fato em lugar algum. Que são apenas frutos da minha imaginação e que jamais poderão fazer tanto mal a alguém, como fizeram para mim.

Acordando

“Bom dia, você sabe onde está?” Me perguntou uma pessoa que depois soube se tratar de um dos médicos que me atenderam naquele período nefasto. Eu tentei dizer não, mas não consegui. Algo impedia que o som saísse de minha boca e já não sabia se aquilo era outro sonho, pesadelo ou a realidade. Tudo estava muito confuso. O médico então seguiu “não tente falar, você fez uma cirurgia na garganta e por isso não poderá falar por algum tempo, apenas abane a cabeça”.

Repetindo a pergunta eu movi a cabeça negativamente. Ele também me perguntou se eu sabia o que houvera acontecido comigo e eu neguei mais uma vez. Então me explicou onde eu estava e que eu havia sofrido uma embolia pulmonar devido a infecção por coronavírus. Me explicou que estava sendo tratado e que em breve estaria curado e poderia ir para casa. Aquela informação não fez nenhuma diferença naquele momento, pois eu ainda observava tudo ao meu redor e tentava identificar algo que pudesse me ajudar a lembrar de qualquer coisa. Eu não tinha a menor ideia o que era aquele ambiente nem quem eram aquelas pessoas. Não lembrava sequer de quem eu era.

Lembro-me que logo após a “conversa” com o médico, fui atendido por uma enfermeira chamada Vera. Ela me olhou sorrindo e disse-me que eu era uma pessoa muito abençoada e que ela estava muito feliz por me ver bem e com vida. Outras enfermeiras passaram por mim, me tocaram e repetiram as palavras de Vera. Eu me sentia feliz por vê-las assim, mas ainda não entendia o que estava acontecendo, muito menos a razão de todas elas me tocarem com tanta alegria.

Nos dias que se seguiram eu ainda não me lembrava de quase nada. Uma de minhas curtas recordações era de que eu tinha um filho chamado Ulisses, pois ele estava presente em meus recentes mergulhos na busca pelas placas que indicavam meu estado de vida. Também me lembrava vagamente de que eu possuía um carro de cor amarela da marca Chevrolet. Trata-se, na verdade, de um Opala modelo SS ano 77, de cor amarela que o tenho como um troféu, conquistado com muito trabalho e muito recurso em uma restauração que durou quatro anos, o possuo a mais de dez anos e me delicio em passeios em alguns fins de semana.

Estudos recentes indicam que os casos de Covid 19 grave mostraram sequelas como perda de memória e de coordenação motora. Estes efeitos são causados pela falta de oxigênio no cérebro, causando lesões que podem ou não ser revertidas por exercícios que estimulem as funções cerebrais. Tal como estudado e confirmado pela minha experiência, até uns oito dias depois eu ainda não tinha recuperado movimentos, da mesma forma que a memória.

Eu buscava formas de me comunicar com as enfermeiras para, primeiramente, descrever as dores nas costas e nas feridas e pedir um analgésico e depois solicitar fotos do meu carro, para que pudesse me lembrar dos detalhes como o modelo. Eu imaginava meu filho me enviando as fotos que eu tanto queria ver e tentava lembrar de como era aquele carro, mas embora soubesse da marca e da cor, não conseguia recuperar mais nenhuma lembrança.

As enfermeiras se esforçavam sem dúvida, mas não deviam estar acostumadas a entender pedidos de um ex-moribundo, desejando fotos de um carro antigo antes das fotos de sua própria família. Com meus sinais com os dedos, simulando a

ação para tirar uma foto com a câmera fotográfica, finalmente uma enfermeira entendeu que se tratava de uma foto, ela então, empolgada e feliz, comentou com suas colegas que eu queria fotos da família e quem sabe da neta Antonella, a quem eu amo com todo meu coração.

Infelizmente naquele momento minha família, exceto meu filho, não fazia parte da minha existência. Se eu pudesse classificar em ordem de importância, sem dúvida eu faria uma lista com os nomes de minha querida família nas primeiras posições de meu amor e de minha preferência para preencher aquele vazio e sanar minha saudade. Mas embora isso não tenha acontecido, sou grato por haver uma ponta da linha a ser puxada para a reconstrução dos fatos e pessoas. Então eu fiz sinais de mover um volante de um automóvel, o que fez a enfermeira entender que se tratava de um carro.

Embora decepcionada, ela transmitiu aquela vontade à minha família e meu filho, já sabendo de meus gostos, gravou um vídeo mostrando meu carro predileto, entre outros, comentando um pouco da história de cada um. Estas imagens foram fundamentais para que eu pudesse acessar espaços desativados em meu cérebro e reconstruir a história de minha vida.

Esta reconstrução segue acontecendo até os dias de hoje, mais de dois anos após meu despertar. Vale comentar que ao final da primeira semana acordado, a enfermeira alegremente me informou que minha esposa viria ao hospital para passar os próximos dias comigo, para que eu pudesse ter uma assistência afetiva especial que me ajudasse na recuperação. Embora eu a tenha como o grande amor de minha vida, confesso que não me lembrava de quem se tratava. Da mesma forma que não entendia exatamente o que significava a palavra esposa. Talvez fosse uma pessoa conhecida ou, quem sabe, outra paciente. Não fazia dife-

rença pois minha consciência ainda não tinha a capacidade de reflexão normal e minha condição física não me permitia falar ou gesticular para questioná-la.

Por várias vezes eu tentei me comunicar com as enfermeiras e os médicos para descrever as dores e ajudá-los nos diagnósticos, mas não conseguia com facilidade e desistia após cansá-los com as inúmeras tentativas de compreensão com meus gestos falhos e mímicas incompreensíveis.

Num determinado dia, vejo entrar pela porta do quarto as pessoas que agora sei que eram minha esposa e minha filha. Elas me abraçaram e choraram agarrados a mim como pessoas que não se veem há muito tempo. Eu ainda não compreendia muito bem a felicidade presente naquele momento e tentava participar de um teatro mostrando alegria também. Minha filha retornou e minha esposa permaneceu comigo.



Aponte aqui a câmera do seu celular e veja o vídeo



Minha esposa Mara e minha filha Isis comigo após meu despertar.

Foram dias iluminados próximos a ela, conversando e comentando os casos que me permitiram recobrar a memória e compreender os fatos que me levaram aquele local. Aprendemos a nos comunicar com sinais e Mara me ajudava muito em minhas permanentes solicitações de analgésicos para as dores que ainda me torturavam. Ela também orava por mim durante as noites que se seguiram e eu, quando acordava e me animava, orava em silêncio com ela, tentando adormecer novamente para amenizar aquela sensação de fraqueza que afetava completamente minha disposição para me manter acordado.

A síndrome pós-covid grave é caracterizada por um cansaço crônico físico e mental que impede a pessoa de mover o corpo devido a fraqueza e sensação de fadiga extrema. Também dificulta o raciocínio e impede o equilíbrio impossibilitando que a pessoa fique em pé e possa caminhar. Ela pode permanecer por meses por afetar o sistema pulmonar, cardíaco e hematológico devido principalmente ao tromboembolismo pulmonar.

Os dias foram passando e os médicos retiraram alguns aparelhos e dispositivos como monitores e cateteres. Com a ajuda de Mara e das enfermeiras pude fazer a barba, que a esta altura estava grande e horrível. Também pude sair da cama, carregado por elas para uma cadeira de rodas e ir ao banheiro, onde, incrivelmente recobrei minhas funções renais e intestinais sem nenhum esforço. Mesmo sentado na cadeira recebi um banho com água quente e relembrei o cheiro de xampu e de sabonete. Imediatamente relacionei aquela sensação à limpeza, pelo menos externa, de meu corpo outrora apodrecido pela infecção.

Embora eu observasse diariamente minha melhora, ainda havia os custos de tantos dias imobilizado pela intubação, pela traqueostomia e pela extubação. Duas vezes ao dia as enfermeiras me moviam de lado a lado e tratavam minhas feri-

das, resultado das oito escaras nos pés, duas nos quadris e uma mais significativa na nádega. O tratamento consistia na retirada do curativo regenerativo aderido à ferida e a retirada das partes necrosadas, com a aplicação de um curativo regenerativo novo, que aderido ao ferimento aceleraria a cicatrização. Vale dizer que tudo isso sem anestesia. As feridas dos pés e dos quadris fecharam rapidamente em menos de um mês, já o da nádega me acompanhou por mais de um ano e requereu quatro cirurgias corretivas para fechar completamente.

Uma vez ao dia, normalmente as seis horas da manhã, a equipe vinha ao quarto para a retirada de sangue venoso. Uma picada rápida e, quase, indolor que acontecia sempre antes do banho. Mas a cada dois dias, a mesma equipe fazia a retirada do sangue arterial. Uma agulha enorme que introduzida no pulso na direção perpendicular ao braço, causava uma dor insuportável e eu aguardava ansiosamente a retirada para um alívio, que naquele momento era mais importante que o próprio resultado do exame. A dor no pulso permanecia por mais algumas horas e eu, então, sugeri à equipe que fizesse a retirada do sangue pela artéria femoral na virilha, pois imaginava que em nenhum outro lugar do corpo poderia ser mais dolorido que no pulso.

As próximas vezes, que se seguiram a cada dois dias pelo próximo mês, foram realizadas pela virilha até que os hematomas impediram sua continuidade naquele local e as retiradas voltaram a ser feitas pelos pulsos. Ainda tenho dores e fibroses locais que me lembram as perfurações.

Uma ou duas vezes ao dia outra equipe de enfermeiras trazia alguns equipamentos simples e um tubo com um tipo de soro para fazer a limpeza do orifício da traqueostomia.



Cânula instalada no orifício da traqueostomia.

A traqueostomia é uma intervenção cirúrgica para a abertura de um orifício na parte anterior do pescoço que se comunica à traqueia e na colocação de uma cânula por onde o oxigênio se desloca até os pulmões. Dá continuidade ao objetivo de fornecimento mecânico de ar da intubação pela boca, a qual não pode permanecer por mais de 14 dias devido aos traumas que o mesmo causa na traqueia, podendo gerar a estenose, que é um estreitamento dela. Quando a estenose supera 50% da área da traqueia ela favorece sua obstrução e eleva os riscos de morte por asfixia.

Para a limpeza era instalado o tubo de oxigênio da parede a uma haste flexível, o qual era introduzido no orifício da traqueostomia localizado na parte baixa da garganta enquanto outra pessoa aplicava o soro com uma pisseta pontiaguda no mesmo orifício. Na medida que o soro entrava pelo orifício, a haste succionava o resultado da lavagem, retirando catarro misturado a outros corpos que não sei definir com precisão, mas suponho que eram restos de tecidos mortos provenientes dos traumas pelo corte, pela introdução do tubo traqueal e pela infecção nos pulmões.

Certa vez percebi uma dificuldade crescente na respiração. Chegando ao ponto de chamar a médica para uma avaliação pois algo não estava bem. A médica então sugeriu intensificar as limpezas da traqueostomia, o que não resolveu o problema. A tensão se instalou naquele quarto, tanto para Mara quanto para as enfermeiras, pois imagino qual seria a decepção de todos perder aquele paciente por complicações tardias mesmo com a covid 19 já controlada e depois de tanto esforço.

Se aproximou então uma fisioterapeuta chamada Isabela que me perguntou o que estava havendo. Eu firmei meus olhos sobre os dela e lhe disse que ela precisava confiar em mim, pois

apesar do esforço, eu não tinha conseguido convencer os demais de que havia, de fato, algo errado com minha respiração. Ela da mesma forma, me olhou e respondeu que confiava plenamente em mim e que me ajudaria. Iniciou então os exames que identificaram uma rinite severa que impedia a respiração pelo nariz. Como ainda havia um orifício com a inserção de uma cânula em minha garganta, eu não podia respirar com eficiência pela boca, o que me dava a sensação de falta de ar.

Sou plenamente grato àquela profissional. A médica então fez a receita e Mara providenciou o remédio que, aplicado nas narinas, rapidamente após seu uso já me permitiam respirar normalmente pelo nariz, aliviando meu sufoco e restaurando a tranquilidade de todos. Creio que mais de dez pessoas entre médicos e enfermeiras passaram pelo meu quarto naquele dia para saber de meu estado, e eu sinto muito pela aflição gerada, mas ainda havia medo e um desejo enorme de sarar completamente. Com o uso desse remédio não tive mais nenhuma crise de rinite.

Alguns dias após o tratamento no hospital eu já havia trocado a cânula da traqueostomia por uma menor, resultado de uma cicatrização crescente que indicava uma provável saída do hospital em mais uma ou duas semanas. Passamos a Páscoa, Mara e eu, sendo presenteado com um mousse de chocolate no almoço do domingo. A maioria das enfermeiras e médicos não vieram ao hospital e eu senti saudades dos dias Santos que passei em casa com minha família, com saúde para desfrutar das companhias e das comidas, bebendo e rindo entre todos, sem jamais imaginar que eu viveria uma situação tão limitadora proporcionada por uma doença que jamais acreditei me afetar. Foi o primeiro momento que desejei de todo coração recuperar minha saúde, pois, apesar da lenta reabilitação, ainda me via numa situação extremamente degradante e de total dependência.

Durante a noite, quando acordava eu ouvia permanentemente as motocicletas que passavam pela rua. Algumas aceleradas e barulhentas, outras comedidas e mais silenciosas. Invejava cada um dos motociclistas, independente da moto que pilotavam, pois como já tive moto também, conheço a sensação de liberdade que ela proporciona. Imaginava a todo momento que se, em um toque de mágica, me permitisse fazer as vezes daqueles entregadores de lanches eu seria, sem a menor dúvida, a pessoa mais feliz do mundo. Compreendia, contudo, que a reconquista daquela liberdade seria resultado de muito esforço. Naqueles momentos eu também refletia sobre meu descaso com os riscos daquela maldita doença, me arrependendo a todo momento de tê-la negligenciado em detrimento de minha saúde de ferro.

Entre os profissionais que me acompanhavam permanentemente, as fisioterapeutas eram as mais assíduas, pois vinham, sem faltas, duas vezes ao dia para ativar meus movimentos. Conversavam confiantemente sobre minha recuperação e me motivavam para atender aos comandos e executar os exercícios que me custavam muito esforço. Me lembro de uma pequena caixa contendo 30 bolinhas de gude que era posta sobre minha barriga enquanto deitado. Eu deveria pegar com os dedos da mão direita uma bolinha de cada vez e transportá-la para outra caixa vazia do lado esquerdo, também sobre a barriga. Ao cumprir a função, eu deveria transportar as bolinhas, uma a uma, com a mão esquerda para a caixa, agora vazia, do lado direito. Foram três dias de muito esforço e concentração, mas cumpri a primeira tarefa na minha custosa reabilitação motora.

Durante os banhos eu podia observar meu corpo frágil sentado naquela cadeira onde eu observava meus ossos cobertos por uma pele que parecia escorrer sobre meu corpo. Imagina-

va ter perdido uns 25 quilos e depois confirmamos ser 32 após alguns dias de recuperação. Assim sendo, o valor total deve ter sido maior, o que representava mais de um terço de meu peso anterior a doença. Inevitavelmente eu fazia comparações a todo momento do meu atual estado e da vitalidade que sempre desfrutei. A percepção de que o enorme e sistêmico prejuízo não seria jamais recuperado, mas já que a vida estava presente, ela teria que ser vivida da melhor forma, principalmente depois daquele esforço coletivo para salvar minha vida.

Os médicos infectologistas, cardiologistas, pneumologistas, clínicos gerais, fonoaudiólogas, fisioterapeutas e enfermeiros eram presentes em meu quarto e cada um deles me passava uma mensagem de força e de positividade, sem, contudo, ignorar o esforço demandado para superar tantas limitações.

Da caixa de bolinhas eu passei a movimentar os braços e as pernas. Fazia também exercícios respiratórios sentado à beira da cama apoiado nas fisioterapeutas e em Mara, que aproveitando um momento de troca de roupa tirou uma foto minha sentado somente com o calção do pijama. O que se via era uma figura semelhante as vítimas do holocausto com cabeça enorme diante de um corpo tão magro.



Resultado da rápida perda de massa muscular.

Também já conseguia sustentar com as mãos um celular e com dificuldade consegui falar com minha irmã Angélica, que após demonstrar a alegria de minha sobrevivência, me diz que minha mãe estava ansiosa por saber de minha saúde e surpreendentemente confirmar se uma mulher havia pegado em minha mão durante meu coma. Imediatamente lembrei da senhora que frequentemente segurava minha mão e me dizia para eu continuar lutando, pois continuava vivo.

Quando pude falar diretamente com minha mãe lhe perguntei sobre sua pergunta e como ela poderia saber não estando naquele local e muito menos em minha consciência. Sua resposta foi simples, disse-me que não podendo me acompanhar desta vez, como houvera feito em 1973 durante meu tratamento da meningite, ela pediu a outra mãe, sua Santa de devoção infinita, para que ela segurasse minha mão e me ajudasse na cura daquela doença. Esta experiência de intervenção deve ser considerada não só pela minha sobrevivência, mas também pela total recuperação de minha saúde, mobilidade e força, sem a qual uma bênção superior jamais teria acontecido. Esta confiança me trouxe a determinação para lutar pela tão desejada vida com a intensidade que desfrutei outrora.

A alta do hospital

Já tendo passado os 42 dias internado no mesmo hospital, os médicos anunciaram a tão esperada alta. Segundo as avaliações, eu ainda necessitava de tratamento para eliminação do líquido presente nos pulmões, porém naquele momento não seria conveniente puncioná-lo pelo risco de provocar uma pneu-

monia, o que, dado ao meu nível de debilidade poderia ser fatal. Foi tomada então a decisão de me transportar a minha casa para que o tratamento pudesse ter continuidade com menores riscos de adquirir outra infecção naquele hospital.

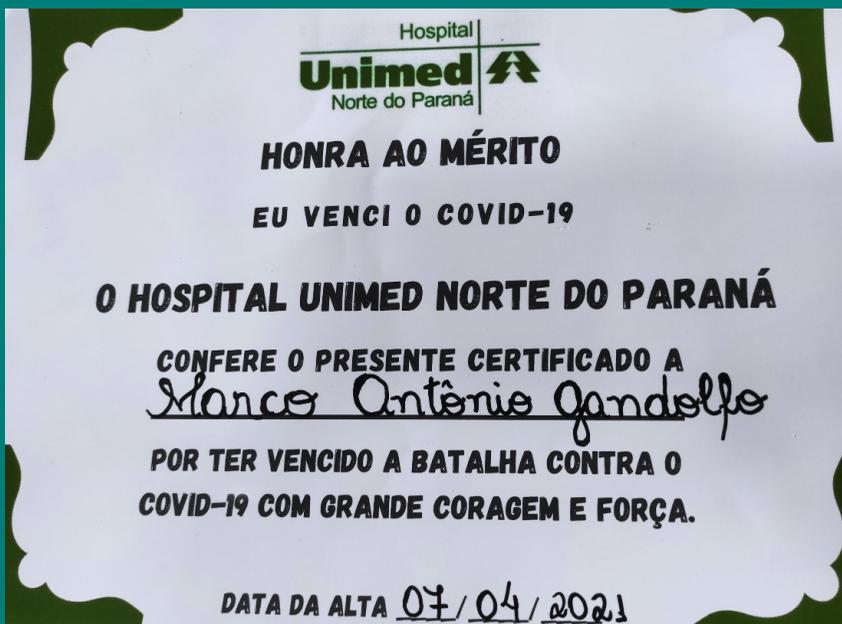
Numa quinta-feira à tarde eu fui posto em uma cadeira de rodas e pude ver a luz do sol brilhando lá fora. As enfermeiras e médicos me acompanharam até a saída, onde eu segurei uma placa com os dizeres “Eu venci a covid 19”. Uma enfermeira fez a leitura de uma mensagem de amizade chamada “Sou feita de retalhos”, desejando-me saúde e paz. Minha filha Isis, que é fisioterapeuta, me levantou da cadeira de rodas e com o profissionalismo característico dela e me colocou no assento do carro, me prendendo com o cinto de segurança para irmos, finalmente, para nossa casa. Não desfrutei daquela pequena viagem, pois ainda me sentia muito cansado e fraco e desejava chegar logo em minha casa para me deitar e, talvez, dormir um pouco em minha adorada cama.



Aponte aqui a câmera do seu celular e veja o vídeo



Saída do hospital da Unimed de Cornélio Procópio.



Certificado de mérito dado a aos pacientes que venceram a covid 19.

Ois

Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar a alma.

. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós"

Poliana *Leandro* *Andressa* *Jon*
Natália *Poliana* *Silvana*
Enfermeira Hospital Unimed *Patricia* *Patricia*
Verpetina *Edna Jimão*
Rosana *Poliana* *Eliauel*
Silvana *Orla Vilma*
Oris Dima *Juliana Lima*
Samuel *Dezentes* *Patricia Ribeiro*

Julho - 2014

Mensagem autografada pelos profissionais do hospital da Unimed de Cornélio Procópio.

Chegamos em casa, Mara já havia providenciado uma cadeira de rodas, uma cadeira para banho e todos os acessórios necessários para o tratamento de uma pessoa com as minhas limitações motoras. Minha cama havia sido deslocada para um quarto com acesso facilitado para a cadeira de rodas e próximo a um banheiro. Meu filho providenciou uma linha da tv a cabo e uma televisão para meu conforto, ligando-a em um canal de automóveis que nós assistíamos frequentemente juntos e que adorávamos. Meus remédios já estavam a minha disposição e tudo parecia, finalmente, seguir ao capítulo final daquele longo seriado de horror.

Como minha mobilidade ainda era limitada, eu me mantive deitado e cheguei a adormecer por uns 30 minutos, sendo despertado por uma dor incômoda do lado esquerdo das costas. À medida que o tempo passou aquela dor foi se intensificando, até que no início da madrugada, não suportando mais e com uma grande dificuldade para respirar eu pedi ajuda a Mara e a Isis.

O terceiro hospital

Minha filha buscando me ajudar me aplicou alguns movimentos e analgésicos e, sem sucesso, fez contato com o hospital onde eu havia sido tratado por tanto tempo. Providenciaram meu traslado novamente ao hospital em Cornélio Procópio, onde fui sedado e colocado em uma cama, ali passei o resto da noite. Ao amanhecer, fui diagnosticado com um derrame pleural.

O derrame pleural é um acúmulo de líquido entre a pleura visceral e a pleura parietal, provocada por infecções nos pulmões. Ela causa limitações respiratórias devido a restrição dos

movimentos dos pulmões e dores na caixa torácica. A remoção do líquido não foi recomendada para aquele momento e local, considerando o meu estado de saúde e os recursos daquele hospital. Iniciou-se novamente a busca por uma ambulância para meu traslado para outro hospital. Foi decidido que o mais indicado seria o Hospital do Coração da Cidade de Londrina, o qual aceitou meu internamento após as explicações daquela necessidade pela Dra. Daniele ao médico que me receberia no hospital de destino.

Ao anoitecer e dentro da ambulância, uma enfermeira do hospital me acompanhou atendendo um protocolo de segurança para transporte de pacientes nas minhas condições. Minha família nos acompanhou de carro até o hospital de destino. Chegamos por volta das 21 horas, fui movido da maca da ambulância para uma pequena maca do hospital, onde minha filha assumiu me acompanhar a partir daquele momento, dispensando a enfermeira que retornou ao hospital de Cornélio Procópio de imediato com a ambulância. A partir daquele momento Isis seria minha luz, minha orientação profissional e minha motivação para reaprender os primeiros passos até uma vida livre de limitações.

Aguardamos até as 3:30 da madrugada o resultado de meu exame para covid, para garantir que eu não representava mais risco para outros pacientes e que poderia entrar na ala de tratamento semi-intensivo e na própria UTI. O resultado do exame foi negativo para covid 19.

Minha maca foi transportada por corredores, elevadores e portas até que chegamos a um quarto muito grande. Havia duas camas, uma maior onde me deitaram e outra para Isis, onde ela esteve comigo por 11 dias. Após a sedação e a instalação de novos monitores e cateteres eu também pude dormir por uma

hora, até que fui despertado pelo deslocamento da maca para um setor de radiologia. Passei por radiografias e tomografias, sendo movido em várias posições até que finalizaram os exames e me devolveram ao quarto com Isis. Desde este momento, fui monitorado a cada hora até minha saída daquele hospital muitos dias depois.

Na manhã seguinte fui apresentado ao médico pneumologista que seria, a partir de ali, o responsável pelo meu acompanhamento, Dr. Eduardo Sahão, sobrenome familiar, pois eu já conhecera seu sobrinho Douglas como ex-aluno da Universidade onde leciono e mais recentemente como profissional do setor agrário. Este médico já maduro, magro e com uma disposição ereta e firme como um jovem, demonstrou um empenho profissional que me serve de exemplo. Esteve presente em pelo menos duas consultas diárias, várias conversas sobre meu estado e os desafios que teríamos que enfrentar para sanar os problemas.

Dentre estes problemas e me comunicando da notícia ruim, os exames indicavam a presença de uma pneumonia severa. Meus pulmões estavam novamente tomados por uma infecção. Além disso ainda havia a necessidade da retirada do líquido presente na cavidade entre a pleura e o pulmão, o que me causava uma dor insuportável e dificultava, ainda mais, minha respiração.

Este médico esteve presente com o infectologista chamado Dr. André, fazendo questão de apresentá-lo a mim como o profissional que definiria a estratégia de tratamento da pneumonia. Ele também me informou da complexidade de meu caso e que os antibióticos a serem usados deveriam ser administrados por pelo menos 14 dias, sendo que este período, como o mínimo, que eu permaneceria naquele hospital.

Naquele mesmo dia foi realizada a toracocentese, que é a punção do líquido da cavidade pleural. O médico junto a uma enfermeira trouxe alguns equipamentos e produtos químicos. Eu fui colocado sentado na cama, amparado por uma enfermeira e por Isis, com os braços postos à frente de meu corpo, recurvando as costas para a frente. Os locais determinados nas costas foram anestesiados e a punção foi um sucesso. Mais de meio litro de um líquido turvo foi retirado dos meus pulmões, mas minha dor ainda persistia e o médico me garantiu que ela seria reduzida com o tempo. De fato, a dor foi diminuindo com o passar dos dias, mas do lado esquerdo me incomoda ainda hoje, principalmente com as tosses, espirros ou pressão local. A tenho como mais uma das lembranças daqueles dias de luta.

Os protocolos de retirada de sangue arterial foram retomados. Reconheço a necessidade para a avaliação de minha condição vital, mas não ignoro a dor inesquecível que eu sentia, principalmente quando era feita no pulso. Como já comentei, ainda tenho algumas dores e fibroses locais nos pulsos onde a agulha era introduzida. Punções para retirada de sangue venoso também eram diárias, sempre às seis horas da manhã, antes do banho matinal, tal como ocorria no outro hospital. Deve ter alguma razão técnica para isso, talvez por estar em jejum, condição solicitada em todos os exames de sangue.

Dentre os enfermeiros que faziam a retirada havia um em especial que me perfurava somente uma vez, acertando a veia do braço ou da mão na primeira tentativa. Seu nome era Fábio e sua experiência foi usada nas retiradas de sangue até que não houvesse mais possibilidade devido à escassez de sangue em meu corpo. Neste momento foi tomada a decisão de inserir um cateter especial chamado PIC que, a partir de uma veia do braço, permitia sua chegada ao coração e a comunicação com o exte-

rior a partir da região do bíceps. Com ela já não era necessário buscar as veias para retirada do sangue venoso, mas o arterial continuaria sendo realizado pelos pulsos e, eventualmente, pela virilha.

Os exames de sangue e as tomografias mostravam uma evolução rápida no controle da pneumonia e eu já começava a me animar. Estabelecia com o infectologista as metas na redução dos níveis do PCR, que, embora eu não tivesse nenhum controle sobre o resultado, gostava de propor ao médico meu compromisso com a meta determinada. Assim nos mantínhamos confiantes que a cura viria em breve.

Havia acompanhamento também de uma nutricionista, que ademais de planejar meus pratos, também me enviava quatro unidades de um suplemento alimentar líquido, doce e enjoativo. Apesar da dificuldade eu tomava todos sem discutir, bem como comia quase toda a comida que me serviam. Meus pratos traziam uma indicação escrita na lateral que dizia “bastante” e eu compreendia a necessidade. Pude escolher dois pratos que sempre gostei. Sopa, que neste caso trazia muita carne desfiada ou triturada e omelete, trazido numa bandeja grande o suficiente para caber o preparado com seis ovos duas vezes ao dia. Embora não houvesse fome para tanto consumo, eu me esforçava para comer sabendo que me beneficiaria na recomposição de meu peso e força.

Sabe-se que entre os sintomas da covid 19, a perda de paladar e olfato é bastante comum, induzindo as pessoas a reduzirem a alimentação por não sentirem o mesmo sabor dos pratos. No meu caso, no entanto, não houve a perda do paladar, mas a mudança drástica no sabor dos alimentos. A pior mudança entre todas ocorreu com a carne, que passou a um sabor amargo muito forte e perdurável, de forma que mesmo após a deglutição

aquele fel ainda permanecia por alguns minutos na minha boca. Apesar disso e por recomendação da nutricionista, eu mastigava e engolia toda a comida que me serviam, inclusive a carne, pois queria a todo custo inflar aquele corpo cadavérico que me assustava tanto.

Após as refeições me serviam também um copo de suco de laranja, que tinha o objetivo de elevar a absorção de ferro para a recomposição do volume de sangue necessário à minha recuperação. Por vezes estive prestes fazer uma transfusão de sangue, que é a transferência de sangue de um doador para um receptor, no caso eu. Meus exames indicavam baixo nível de hemoglobina caracterizando uma anemia profunda, mas o Dr. Sahão acreditava que somente com uma alimentação correta meu corpo superaria também essa deficiência. Assim aconteceu e nos próximos exames os parâmetros sanguíneos já apontavam para uma melhora significativa, o que nos tranquilizou e descartou a possibilidade da transfusão.

A presença de Isis

Como um descendente de italianos, de princípios familiares e morais bem definidos, meus irmãos e eu fomos educados em um regime que promovia o pudor como uma regra natural, que nos impedia de expor certas partes do corpo que caracterizasse uma indecência. Assim, em nossa família havia um respeito a esta regra natural que evitava constrangimento entre nós. No entanto, quando Isis se dispôs a me acompanhar naquele período no hospital, também por ser uma fisioterapeuta, estava claro que como acompanhante e profissional de saúde ela

deveria dar suporte a algumas necessidades particulares minhas, entre elas ajudar na alimentação, na movimentação e, inclusive, nas necessidades fisiológicas, além da higiene pessoal e tratamento das feridas.

Os primeiros dias foram desconfortáveis, pois quando eu necessitava de algo mais privativo eu pedia a Isis para chamar uma enfermeira, que prontamente me atendia, mas esta conduta feria a conceção do hospital para que Isis permanecesse comigo e haveria de ser revista. Entre a possibilidade da perda daquela companhia maravilhosa, a quem sempre amei de todo coração, que já me ajudava muito com as atividades fisioterapêuticas e me enchia de esperança e a necessária mudança de minha atitude diante de uma profissional que tinha uma função bem definida, eu fiz um acordo com ela. A partir daquele momento eu a trataria como a profissional necessária à minha recuperação enquanto ela me veria como o paciente demandante de seus serviços, não havendo mais interferência do fator afetivo presente entre pai e filha. Assim nós agimos nos dias que se seguiram e eu espero que para ela tenha sido mais natural do que para mim.

Duas vezes ao dia eu era atendido por fisioterapeutas que me ajudavam a retomar as sinapses cerebrais que ligavam minha vontade ao movimento de algum músculo do corpo. Isso era feito primeiramente movimentando o membro e pressionando o local onde o músculo se localizava. Eu mantinha minha concentração naquele ponto e tentava a todo custo readquirir o controle muscular. Esse controle progredia bem com os exercícios. Embora as sessões durassem cerca de 40 minutos, eu seguia ativando meus músculos por todo o tempo enquanto acordado. Minha filha acompanhava minha evolução passo a passo me orientando e me ajudando a ampliar as conexões que me trariam o controle mecânico novamente.

A uma certa altura, creio que uma semana após o internamento no terceiro hospital, Isis me perguntou sobre minha expectativa e meu desejo de retomada de vida normal. Eu então lhe disse que o maior sonho naquele momento era apenas de readquirir em uns seis meses, minha independência motora para meu deslocamento, passeios, banhos e higiene pessoais e, quem sabe, até preparar as pizzas e tomar meu vinho novamente, prazeres que sempre estiveram presentes aos sábados em minha casa.

Ela então tomou uma folha de papel e uma caneta. Desenhou o que parecia uma tabela e uma lista de atividades cronologicamente estabelecidas. Iniciando por caminhadas curtas dentro do próprio quarto do hospital e finalizando com movimentos mais severos, que incluíam alongamentos e flexões. Esta folha esteve conosco por muito tempo e seria para mim hoje um documento a ser exposto em uma coleção de troféus, mas infelizmente nós perdemos aquele papel quando eu fui levado inconsciente a UTI devido a uma fibrilação atrial.



Aponte aqui a câmera do seu celular e veja o vídeo



Minha filha Isis me mostrando o plano de recuperação.

A fibrilação atrial

Acordei em um local estranho ligado novamente a vários dispositivos e aparelhos. Aqueles ruídos já eram conhecidos e percebi que já não estava no quarto onde eu havia dormido na noite anterior com a companhia de Isis. Eu me lembrava vagamente de ter minhas roupas trocadas durante a noite devido a uma sudorese. Lembrava também das enfermeiras e Isis me pondo em uma maca. Me lembro que eu não tinha consciência suficiente para entender ou perguntar o que estava havendo.

Eu fora levado novamente para uma UTI, mas pelo menos agora se tratava de um local sem os doentes de covid 19 e aqui eu não teria de presenciar mortes novamente. Ouvia, porém, pedidos de socorro permanentes vindo de uma senhora com voz cansada. As enfermeiras confirmaram ser uma idosa com problemas mentais e me preveniram que, aquelas lamentações permaneceriam, pois, para ela não havia previsão de alta.

Algumas enfermeiras se aproximaram para ajustar alguns botões dos equipamentos e tomar os valores dos parâmetros vitais dos monitores e, embora eu tenha perguntado sobre a razão de estar ali, elas não me responderam. Aproximadamente uma hora após meu despertar, o Dr. Sahão entrou no quarto com mais dois médicos. Um deles era o cardiologista, Dr. Nazima e o outro um Eletrofisiologista Dr. Caetano. Fui primeiro informado de que meu coração havia tido uma alteração da frequência muito acentuada chamada fibrilação atrial durante a noite.

Esta arritmia é uma alteração súbita da frequência cardíaca que gera disparos repentinos nas batidas do coração e tem como principal consequência o AVC por criar coágulos sanguíneos no ventrículo que, ao se moverem, podem bloquear artérias cerebrais e causar a morte.

O Dr. Nazima seria o responsável pelo meu tratamento cardiológico a partir daquele momento e o Dr. Caetano ficaria com a tarefa de executar um procedimento chamado ablação, onde pela inserção de cateteres e eletrodos através da artéria femoral, ele teria acesso ao meu coração e, por descargas elétricas, paralisaria as fibras cardíacas com movimentos voluntários anormais, permitindo que as demais fibras voltassem a uma frequência regular dos batimentos cardíacos. A ideia de fazer um cateterismo não me incomodou, pois, estando em um hospital especializado em tratamento cardíaco eu reconhecia que estava em boas mãos. Mas a possibilidade de prolongar meu tempo de internamento me desanimou e, quase, me desconcentrou de minha meta de recuperação em seis meses que estabeleci com Isis.

No dia seguinte retornei a outro quarto e Isis não estava mais lá. Senti uma sensação de vazio e uma saudade enorme, pois apesar da condição de estresse daqueles dias, eu havia me aproximado ainda mais da minha filha tão amada, a quem eu admirava agora também como uma profissional de saúde. Uma pessoa capaz de mudar para melhor a vida de alguém que dependia de todo esforço e paciência dela para renascer. Me informaram, porém, que Mara viria naquele mesmo dia para me acompanhar, pois minha condição ainda não permitia permanecer sozinho. Isso me reanimou e redirecionou minha determinação na recuperação de meus movimentos e minha força.

A ablação foi marcada para a próxima sexta feira e Mara me ajudou nos preparativos para o procedimento, que incluía tricotomia da região inguinal e de toda a genitália. Para isso ela trouxe uma máquina de cortar cabelo, a qual foi aproveitada para cortar meu cabelo também, que nessa altura já parecia de um andarilho descabelado. Uma notícia boa para o momento foi que, os 14 dias de tratamento da infecção coincidiria com o

sábado após a ablação, sendo que se o procedimento ocorresse sem surpresas, eu poderia ter alta naquele próximo sábado, dependendo do consentimento do Dr. Nazima, do Dr. Caetano e do Dr. André e obvio, do Dr. Sahão, o líder local de meu tratamento.

Se estabeleceu então dois sentimentos muito diferentes. O primeiro de ansiedade para retornar a minha casa. Ver meus cães e assistir meus programas favoritos na televisão, que incluíam as competições automobilísticas. O segundo sentimento foi o medo de que outras surpresas nos obrigassem a retornar a algum hospital para novo tratamento.

O Dr. Sahão foi então muito feliz, em seu diagnóstico. Disse-me: “seu corpo agora está pronto para se recuperar por conta própria. Nós vamos apenas lhe ajudar com alguns medicamentos que evitarão que outros problemas surjam, mas você pode retornar ao seu lar sem nenhum medo”. Assim que ele saiu do quarto eu não contive o choro que estava preso a tanto tempo e com tanto sofrimento. Mara me abraçou e agradecemos juntos pela chance de reviver e reconstruir nossos sonhos de toda a vida.

O retorno ao lar

Aquele sábado estava mais feliz que todos os que eu vivera. O sol brilhava e os sons da UTI já não me incomodavam. As enfermeiras me abraçaram já se despedindo de mim, mesmo sem sabermos se eu teria mesmo alta de todos os médicos. Um a um os médicos foram passando, me atualizando dos últimos exames e do quanto eu havia melhorado naquelas duas semanas.

Eu até já podia ficar em pé sozinho, embora as enfermeiras não me permitissem. Cada um deles deu o parecer positivo para minha saída. Eu sentia meu coração explodindo de alegria. Ao levantar-me da cadeira de rodas e caminhar para a porta de saída do hospital eu vi meu filho no carro me aguardando. Com cuidado eu segui na direção dele me sustentando sozinho e apoiado nas paredes até a porta do carro. Ulisses sorriu e mostrou surpresa ao me ver andando sem ser guiado por outra pessoa. Entrei no carro, nos abraçamos felizes. Mara fez os ajustes finais no hospital e chegou cinco minutos depois. Em menos de duas horas de viagem eu estaria em minha casa para tentar retomar minha vida mais uma vez.

Ao chegarmos eu fui surpreendido por uma decoração em casa com balões, enfeites e todos vestindo camisetas do super-homem. Isso porque enquanto em recuperação no hospital de Londrina, eu fazia áudios a cada resultado positivo dos meus exames, começando com a música tema dos filmes do Superman, tocados no celular de Mara. Eu fazia comentários sobre estar no planeta cóprton, onde eu estaria em atividades de recuperação antes de retornar a terra. Era uma maneira de informar as pessoas sobre minha recuperação com um pouco de humor e demonstrando a força daquele herói imortal. Ao final da gravação tocávamos novamente a música tema, em diferentes configurações, inclusive em estilo rock and roll uma das vezes. Meu estilo musical preferido.



Recepção planejada com camisetas personalizadas.



Decoração de minha casa para minha chegada.

Ao final da nossa pequena festa, retornei ao meu quarto onde me deitei para assistir um pouco de televisão, mas adormeci quase imediatamente. Me lembro de ter acordado somente para ir ao banheiro algumas vezes, o que ainda fazia com uma frequência elevada, provavelmente pela quantidade de soro e medicamentos que eu tomava diariamente e pelo tempo usando uma sonda urinária. A frequência urinária foi normalizada somente um ano após meu retorno ao lar.

Um dia novo amanheceu. Sem enfermeiras nem doentes. Apenas minha família ao meu lado, feliz e confiante que os novos dias seriam alegres e cheios de esperança. Um café servido na cama por Mara e a percepção de que não havia mais nada a me preocupar, exceto minha recuperação física. Isis, então, entrando no quarto me intimou a me levantar, fazer minha higiene pessoal e me preparar para o que começaria naquele dia. Minha caminhada à independência motora desejada e registrada naquele papel que não tínhamos mais, mas o compromisso estava assumido, então não havia razão para amolecer.

Ainda deitado, movimentos com as pernas e braços que consumiam todas minhas energias, pois não restava nenhum músculo mais, apenas a boa vontade. No dia seguinte fizemos exercícios sentado na cama, fisioterapia pulmonar e alongamentos do tronco. Estes exercícios passaram a ser rotina, sempre no começo e ao final das duas sessões diárias. Ainda na primeira semana iniciamos as atividades em pé. Me custavam mais para me equilibrar, pois eu não dispunha de força suficiente, mas havia um agravante, a perna e pé direito adquiriram um tremor bastante acentuado, provavelmente por uma lesão nervosa pela anoxia. Esse tremor instabilizava minha postura e dava-me a impressão de que em algum momento minha perna dobraria por falta de força e de comando. Quando acontecia eu simplesmente deixava o corpo cair sobre a cama, de forma que não me machucava, apenas me obrigava a me levantar novamente e recomeçar o exercício. O tremor cessou antes de completar oito meses após a saída do hospital.



Meus primeiros exercícios com Isis.

Com o passar dos dias eu já podia ir ao banheiro sozinho utilizando ainda a cadeira de banho. Após o primeiro mês eu pude me mover e tomar meu primeiro banho em pé e todos se surpreenderam, inclusive eu. Já fazíamos pequenas caminhadas na rua, começando com cinco minutos e chegando a mais de vinte minutos quase ininterruptos dois meses depois. Certa vez houve um desafio proposto por Isis que era de pular três caixas de leite longa vida. Estavam distanciadas em meio metro uma da outra e eu deveria elevar as pernas direita e esquerda sequencialmente e saltá-las. Realizei a tarefa com êxito mesmo terminando esgotado, tive que me sentar e respirar por alguns minutos até recuperar meu fôlego. Uns dias depois eu pude caminhar sozinho na rua por uns dez minutos, isso me fez perceber que minha independência viria, cedo ou tarde.

Fiquei isolado em minha casa, sem visitas e sem contato com outras pessoas além de minha família por três meses. Eu recebia mensagens de força que vinham de todos os lados. Elas me ajudavam a manter a perseverança nos exercícios e colaboravam com a recuperação de minha memória, me fazendo lembrar de pessoas e de fatos presentes nas mensagens. Neste período também recebi presentes de pessoas conhecidas como pães, doces e até sopas trazidas como alimentos necessários para a recuperação de meu peso. Recebi vídeos de amigos e conhecidos registrando penitências e promessas que fizeram pela minha sobrevivência. Um deles de um amigo irmão cujo apelido é Zico. Ele me incentivava permanentemente com suas mensagens e orações. Somente após um longo tempo trocando mensagens nos reconhecemos como irmãos maçons.

Com a presença de Isis e muito esforço eu recuperei todos os movimentos e acabei ganhando um pouco de peso e de força. Foram ainda mais quatro meses até que pude iniciar ativi-

dades físicas numa academia com a orientação de um educador físico indicado por minha filha. Ele se chamava Rafael, um rapaz jovem e muito educado que me incentivava na execução dos exercícios sempre bem escolhidos, mas também me submetia a esforços extenuantes. Eu saía sempre da academia esgotado, mas confiante e sentindo o crescente ganho de massa muscular e força. Estive duas vezes por semana com este personal training por uns 10 meses. Suspendi a academia somente quando fui autorizado a retornar para a piscina, o que eu desejava ansiosamente, pois a água era meu veículo natural, o local onde eu me reconheceria novamente não pela minha força, mas pelo meu prazer.

A visita ao hospital de Cornélio Procópio

Havia em mim um profundo desejo de expressar minha gratidão aos funcionários do hospital da Unimed de Cornélio Procópio, onde estive internado por quase dois meses e onde houve o maior desafio no trabalho de me manter vivo, bem como de oferecer toda a estrutura necessária para redução de minhas limitações. Me lembro dos sonhos onde eu lutava contra os monstros ou para me desvencilhar de amarras que me prendiam e, imagino, que se tratava de imobilizações necessárias ao coma induzido da intubação. Creio que meus movimentos requereram muito trabalho das enfermeiras e médicos durante aquele período, para me manter seguro quanto a possibilidade de retirada dos tubos ou dispositivos.

Além disso, as frequentes mensagens de otimismo tanto na UTI quanto nos quartos e toda atenção com minha recuperação no preparo dos equipamentos, rigor nos horários de me-

dicamentos, cuidados nas retiradas de sangue e nos curativos, composição do cardápio para alimentação, execução das atividades fisioterápicas, sorrisos e brincadeiras me colocavam em uma obrigação de colaborar em tudo que era possível para atender as necessidades sem reclamar ou impor mais dificuldades.

Por estas razões eu fiz um contato com o hospital e sugeri uma visita para agradecer pessoalmente a todos os profissionais que trabalharam naquele desafio. A coordenadora do hospital, Sra. Silvia atendeu prontamente meu pedido. Ela se lembrava de todo empenho da equipe e as dificuldades que passaram na tentativa de reduzir as estatísticas de fracasso na luta contra a covid 19. Marcamos minha visita para a próxima segunda-feira as 14:30, depois do contato. Fui com minha esposa Mara no horário determinado e antes, passamos em uma floricultura e providenciamos um grande buquê de rosas para presentear-los e levar mais cores àquele ambiente que, até então, atendia somente casos graves da doença e isso indicava, obviamente, um ambiente de óbitos, incertezas e sofrimento e, eventualmente, de sucesso na luta coletiva pela vida.

Ao chegar no hospital, o que vimos foi um contingente enorme de enfermeiras, médicos, fisioterapeutas, copeiras, faxineiras, entre outros profissionais que nos receberam, a uma distância segura, equipados com suas máscaras e jalecos descartáveis, segurando uma faixa com dizeres sobre a gratidão e o meu nome relacionado ao grande milagre do hospital. No facebook do hospital foi publicado fotos e um breve histórico de quem fora o primeiro paciente a sobreviver a extubação. Eu. A seguinte frase foi publicada no facebook do hospital:

“Hoje foi dia de grande emoção no Hospital! O primeiro paciente recuperado do COVID após desentubação, nos presenteou com sua visita! Foi dia de muita alegria, todos ficaram muito emocionados com suas lindas palavras e por sua gratidão por todo

cuidado recebido pela equipe Unimed! A gratidão não foi só dele, mas também foi nossa de saber que estamos no caminho certo, sempre tentando o melhor para cada paciente! Obrigada por nos trazer um pouco do carinho do pós alta!! Nós ficamos muito felizes por sua recuperação e de todos que conseguiram se recuperar”.



Visita ao Hospital da Unimed de Cornélio Procópio.

Da mesma forma fiz meus agradecimentos pessoalmente aos profissionais do Hospital São Lucas de Bandeirantes e do Hospital do Coração de Londrina. Tenho todas estas pessoas como meus eternos heróis, não só pela competência com que atuaram em minha cura e de outras pessoas, mas pela coragem que tiveram para enfrentar os riscos de contrair uma doença letal num período em que não havia recursos médicos que garantissem a vida dos infectados.

Temos que considerar ainda, que estes profissionais acompanharam os óbitos diários e o sofrimento das famílias enlutadas e, ainda assim, continuaram se expondo aos riscos com a determinação necessária para oferecer solidariedade e reduzir o sofrimento de tanta gente, pensando unicamente no bem-estar do próximo. “Quem salva uma vida, salva o mundo inteiro” (Talmud Judaico, 499 d. C.).

O retorno à água

Quase um ano após meu primeiro internamento, cheguei à piscina de manhã, fazia calor e a água estava límpida. Revi meus colegas de treino aos sorrisos, me preparei e saltei na água que renovou meu espírito imediatamente. Eu senti que poderia recuperar todas as minhas perdas. Fui novamente embalado pela água que me envolveu como um colo materno, lembrando-me que eu estava em casa. Meu instrutor já conhecido, um jovem chamado Gustavo que também me incentivou muito e escolheu meus treinos com total competência já me aguardava para reiniciar nossos treinos e nossas boas conversas. Muita exigência e empenho nos treinos, e eu me desdobrava para atender as determinações, pois eu não admitiria fracassar nesta etapa, a qual demandava esforço, mas nada a ser comparado com o que eu já havia passado.

No som ambiente havia sempre um pop ou rock and roll clássico tocando, o que, logicamente me animava muito pois além de gostar deste estilo musical, eu aproveitava o ritmo mais acelerado das músicas para sincronizar meus movimentos e isso melhorava minha concentração e me obrigava a dar sequência na execução dos treinos.

Iniciamos os treinos leves e, progressivamente apertamos o ritmo. Meus pulmões me cobravam um preço alto pela menor área disponível, já que as calcificações reduziram permanentemente a área útil em 25%. Meu coração queria explodir o externo e sair saltando pelas raias da piscina, mas eu não desistia. Após 45 dias nossos tempos foram marcados e eu estabeleci meu tempo entre os mais rápidos de minha categoria até 50 metros de distância. Este fato teve um significado muito especial, pois ele representava minha chegada ao ponto tão desejado, onde eu retomaria todo orgulho que sempre tive por minha saúde perfeita, sem limitações para desfrutar de toda a liberdade que este privilégio me proporcionou durante toda minha vida.

Ainda retornei ao cardiologista para mais uma ablação, a um cirurgião por quatro vezes para procedimentos corretivos em uma escara nas nádegas que teimava em não cicatrizar e fiz implantes em dois dentes que tive que extraí-los durante uma infecção por sequela da covid devido aos riscos de endocardite bacteriana, cuja principal causa são as infecções dentárias ou bucais. Também tenho acompanhamento de pneumologista e cardiologista frequentes, mas nada que eu estivesse livre com quase 60 anos, independentemente de ser pós-covid grave ou não.

Certa vez, dado a minha experiência pelo descaso com a doença antes de contraí-la, a pedido da Secretaria de Saúde de Bandeirantes, produzi um vídeo mostrando às pessoas os riscos da doença e a importância dos cuidados. Tinha também o objetivo de reduzir o número de infectados para minimizar o caos existente nas UTIs dos hospitais. O vídeo circulou livremente pelas mídias e, creio eu, cumpriu seu objetivo, mas acabou por me expor às tantas pessoas que sofreram perdas de seus entes queridos sem sequer poder vê-las novamente.

Eram mães, pais, filhos, esposas, maridos e irmãos, buscando informações para algum conforto. Compreender até que

ponto suas decisões de internamento, intubação, escolha do hospital e uso de medicamentos supostamente preventivos afetaram o resultado trágico de seus queridos. Sanar dúvidas sobre o tratamento nas UTIs e se havia sofrimento antes da morte. Também compreender como os enfermos eram atendidos pela equipe hospitalar durante um período que as informações não fluíam o suficiente para satisfazer o desespero de quem estava do lado de fora.

Ainda hoje eu presto todas as informações que tenho a oferecer de forma muito transparente, mesmo sabendo que nem sempre minhas palavras são as mais convenientes ao conforto desejado. Apesar disso eu compreendo que a agonia que passaram durante a separação temporária ou definitiva ainda as fragiliza emocionalmente, no entanto não posso ignorar o sofrimento que vi e vivi naqueles locais durante tanto tempo e, se é o querem saber, não devo privá-las da verdade.

Por esta razão dediquei meu tempo a escrita deste livro. Que ele sirva de lição aos super-homens, que como eu, não imaginavam que uma nova gripe pudesse destruir tantos sonhos e finalizar tantas vidas, apesar de tanto trabalho e sofrimento. Não sabemos quais doenças humanas ainda surgirão, quais efeitos devastadores poderão produzir, quantos recursos demandarão para seu controle e sua cura, mas independente do que venha, que haja mais consciência e responsabilidade de nossa parte de seus verdadeiros riscos.

Também esperamos que os administradores de nossa sociedade tenham aprendido o suficiente para agir de forma mais preventiva no combate a disseminação de doenças semelhantes. Da mesma forma desejamos que tomem consciência da importância de uma infraestrutura médica e hospitalar permanentemente crescente, minimizando os riscos de sofrimento e mortes por deficiência operacional, material ou técnica.

Mensagem final

Há que se reconhecer que a submissão de nossos corpos já maduros a estresses deste tipo não traz ganhos. Eles nos desgastam e deixam sequelas que, ou levam muito tempo para desaparecer ou jamais nos abandonarão. Também afetam nosso equilíbrio psicológico reduzindo nossa autoconfiança no enfrentamento natural contra os perigos das doenças do dia a dia. Seria, sem dúvida, melhor não ter que passar por nada disso, mas não é só uma escolha nossa, pois a vida reserva surpresas que frequentemente se revelam e mudam nossos planos de futuro.

Embora eu tenha várias lembranças que ainda me afetam psicologicamente, sobretudo pelo sofrimento presenciado de outras pessoas que já não estão mais entre nós, eu também posso extrair fatos positivos que estão registrados em minha memória e me fazem pensar melhor sobre alguns valores renovados que merecem ser descritos.

O primeiro deles é a importância da presença da família, pois desde os primeiros sintomas da doença até a cura total e a recuperação eu jamais me senti só, mesmo no isolamento, pois sabia que havia pessoas que me amavam e que estavam orando pela minha vida e sofrendo com a possibilidade de minha partida. Embora eu não pudesse fazer muito para aliviar o sofrimento delas, eu pensava nelas a todo momento e isso me mantinha concentrado no objetivo de sobreviver. Me motivava também a atender todas as determinações dos médicos e enfermeiras, ainda que doloridas.

À minha esposa Mara que esteve ao meu lado em todos os momentos possíveis, trazendo em sua fé e em suas orações a força espiritual que afastava nosso medo e preenchia nossos corações de esperança. A ela que jamais fez qualquer reclamação

pelo desconforto dos sofás em que dormira algumas noites, pelo atendimento aos meus constantes pedidos por água, analgésicos e mudanças de posição para alívio de minhas dores. A todo empenho na busca e colocação dos curativos que proporcionaram a cicatrização mais rápida de minhas escaras e, principalmente pela sua permanente demonstração de amor, o que me privilegiava de uma afetividade espontânea e natural e a todo momento me encorajava a enfrentar a sequência de dificuldades que se seguiu ao desafio de sobreviver.

Outro valor que deve ser destacado é sobre as pessoas conhecidas que também além de orar pela minha vida, fizeram promessas e intenções. Ao saber desses esforços eu pude perceber quanta bondade existe ao nosso redor que não percebemos na correria do dia a dia. Estas ações me fazem refletir sobre o quão importante eu posso ser para alguém por quem jamais prestei qualquer consideração, pois elas não faziam parte da minha rotina, ou simplesmente, não estavam em minha roda de relacionamentos. Percebi que preciso desenvolver maior percepção do valor das pessoas próximas e das não tão próximas. Amar mais ao próximo como a ti mesmo, é isso,

Como já destaquei, não poderia deixar de mencionar novamente o heroísmo dos profissionais que me atenderam durante o tratamento da doença e minha recuperação física. Na medida que meus sintomas se tornavam mais severos e eu perdia força e mobilidade, eu naturalmente, me tornava um risco maior de contaminação dos demais com quem partilhava os ambientes como os quartos, as UTIs e as ambulâncias. No entanto, o que eu percebia era a maior presença dos responsáveis pelas tarefas que me levaram a sobrevivência, independente dos locais onde eu estava.

Percebia que os riscos eram completamente ignorados em detrimento do melhor tratamento que poderiam me oferecer. O compromisso no cumprimento do dever estava acima do medo da contaminação mesmo não havendo, ainda, a certeza de que as vacinas, de fato, representavam para elas maior resistência ou tolerância na superação dos graves sintomas do coronavírus.

Dentre as pessoas que me ajudaram após minha alta do último hospital, não poderia deixar de citar meu colega de trabalho na Universidade e amigo, Dr. Ricardo que esteve presente semanalmente em minha casa oferecendo sua competente capacidade de tratar e cicatrizar as escaras de forma voluntária, tal como pratica com outras pessoas de nossa comunidade e que de sua especialidade necessitam. Mais um exemplo da importância dos profissionais de saúde na construção de uma sociedade plena de compaixão humana, a despeito de qualquer interesse.

Em nome da fisioterapeuta e minha querida filha Isis, gostaria de estender meu reconhecimento a todos os profissionais de saúde. A ela, especificamente, pela atenção e destreza com que lidou com minhas necessidades de transferência entre hospitais e com as limitações durante meu internamento e, principalmente, na escolha das atividades físicas que me levaram a completa recuperação. Ao permanente incentivo e confiança de que minha independência tão desejada seria recuperada, tal como ocorreu. E aos seus sorrisos, que me alegravam mesmo quando eu reclamava ou falhava na execução dos “torturantes e necessários” exercícios.

Também tenho que lembrar de todo apoio demonstrado a mim e a minha família pelos meus amigos e colegas de trabalho. As mensagens permanentes de preocupação, as ofertas de ajuda e a disposição pela busca de soluções mais efetivas na cura e recuperação fortaleceram os laços de respeito e consideração

por estas pessoas. Minhas aulas na Universidade foram absorvidas por amigos do Departamento que tiveram a disposição e a competência técnica para assumi-las, não ignorando a importância do conteúdo no preparo de nossos estudantes. À Direção do Campus e Reitoria, que prontamente atenderam meu pedido de licença para que meu tratamento pós-internamento pudesse prosseguir sem interrupções.

Ao meu filho Ulisses a quem tenho como meu orgulho e que, contrariando minha eterna e errônea visão de pai, demonstrou maturidade suficiente para conduzir as atividades da empresa sem qualquer prejuízo administrativo, financeiro ou técnico. Isto me trouxe a tranquilidade para me ausentar naquele período de incapacidade e me dedicar à recuperação, bem como a de me permitir atrasos e ausências ainda hoje, pela confiança de que sua presença tem significado mais promissor de perpetuidade que a minha própria. Sobretudo estando eu, prestes a uma aposentadoria, já posso considerar a possibilidade de desfrutar com Mara, de um período sem compromissos profissionais e sem o risco de deteriorar o patrimônio que foi construído com tanto esforço durante quase 40 anos de trabalho.

E finalmente, a Deus e a todos os entes divinos que por ele são representados. Mesmo vindo de um período ateu devido a formação fortemente científica, a crença surgiu do resultado de estudos voluntários da relação da ciência com a religiosidade na tentativa de explicar os milagres da existência da matéria, da vida e do espírito. Assim, a percepção das intervenções destes entes divinos tem ocorrido com grande frequência em minha vida, mesmo quando não pareço merecê-las ou até mesmo pedi-las. Contudo, por alguma razão elas permanecem próximas a mim, lembrando-me a todo momento que ainda há algo a respeitar e a ensinar.

Creio piamente que serão tantas as frequências existenciais a que nos submeteremos, até que nossa evolução espiritual possa fazer jus a níveis mais elevados, que a mim foi dada uma segunda chance para o desprendimento de pesos que tornem minha alma mais leve. Também para que assim eu possa elevar a ciranda que compõe meu grupo de relacionamentos na direção de um caminho mais justo e mais feliz.

Não atribuo a doença a um castigo de Deus, nem a uma provação, mas sim ao fruto de minha negligência dos riscos que ela representava e a confiança exagerada no potencial de resistência de minha saúde. Mas acredito sim, que estes entes orientaram todos as ações médicas que elevaram minhas chances de sobrevivência. Não posso me ignorar como o resultado de um milagre, tal como destacado pelo hospital no dia de minha visita de agradecimento. Desde a sobrevivência diante de todas as expectativas ruins e a sequência de complicações que se seguiram; a síndrome da angústia respiratória, as trombozes, a embolia pulmonar, as fibrilações atriais e a pneumonia prognosticavam um resultado óbvio que não se confirmou.

Mais além, os indicativos de limitações físicas, psicológicas e intelectuais pelas sequelas cerebrais devido a anoxia e a formação dos gliomas, confirmados pela ressonância magnética do crânio e pelos tremores involuntários que se seguiram por meses após meu despertar, demandariam eternos cuidados e adequações locais para mobilidade e conforto. Porém, também não se confirmaram.

Então, o que posso dizer além de que reconheço que há propósitos que não compreendemos e que não escolhemos, mas que contradizem todas as experiências e expectativas humanas, nos colocando em uma posição de gratidão e dívida que nos faz aguardar com paciência a revelação dos propósitos e do merecimento de cada intervenção, seja para o nosso bem ou não.

Anjos na terra

*O ar que me falta me faz ver
mergulhado na fartura inópia
na semiconsciência presente
de uma esperança imprópria*

*Á morte me entrego
aguardando o último suspiro
sem medo e sem memória
por razão divina ainda respiro*

*Surgem então vestidos de branco
anjos na terra que são
para mostrar aos homens
A existência de um céu prevalente de paixão*

*Ainda que doído pelo acume
um toque que inebria meu sôfrego
me pondo em dívida de sobrevida
para não me entregar no derradeiro fôlego*

Marco Antonio Gandolfo – 14/10/2021

CAPÍTULO 2

Por Isis Delvaz Gandolfo

No dia em que minha mãe positivou para COVID-19, houve uma ligeira mistura de emoções. Estávamos em um momento de medo pela doença, porém não tínhamos passado cenas de terror no Paraná, como havíamos visto as notícias de Manaus e do Rio de Janeiro. Imaginar uma saturação no sistema de saúde era uma realidade distante (ainda mais para mim, profissional de saúde), porém mal sabíamos que ela iria chegar. Minha mãe teve piora dos sintomas ao 10º dia, e era uma terça-feira quando eu recebi uma ligação do meu pai dizendo que ela estava no posto de referência e que sua saturação estava baixa. Ali começaria a minha jornada pessoal com o COVID-19.

Eu corri para o posto, e pude entrar graças à equipe que já me conhecia. Minha mãe estava deitada em uma maca, com uma máscara de oxigênio no rosto, olhos assustados. Como boa fisioterapeuta, a primeira coisa que fiz foi correr até a válvula para saber qual era a quantidade de O₂ que estava sendo ofertada: 5 litros. Engoli seco. Ela estava com dessaturação silenciosa, uma espécie de complicação recorrente durante a pandemia. Meu pai, que também estava positivo, mas seguia levemente sintomático, estava com ela e tentava ajudar a acalmá-la, porém ele mesmo estava nervoso. Para mim, havia muita coisa conheci-

da naquela sala de pronto-atendimento, mas para eles era tudo novo, e normalmente estava atrelado a notícias horríveis de casos que nunca retornaram.

Conseguimos um leito em um hospital particular na cidade, e minha mãe foi transferida de ambulância, eu e meu pai no encaço. Caso ela precisasse do hospital de referência, ele ficava há pelo menos 60km de distância, e, obviamente, não teríamos acesso a ela. A equipe do hospital em que ela ficou nos conhecia, e isso daria a nós um certo alívio, pois poderíamos ficar com ela tranquilamente, sem medo de sermos expulsos de uma ala de contaminação – o que era absolutamente correto, dada as proporções que a pandemia vinha tomando em nossa cidade.

Eu já havia trabalhado em hospital, e, por estar negativa pelos meus exames, precisei implorar para as enfermeiras me deixarem acompanhá-la. Eu já havia feito atendimentos de COVID-19 naquele hospital, por isso acho que confiavam o bastante em mim para não ser mais uma propagadora do vírus. Mas havia um ritual que eu adotava todos os dias para visitar a minha mãe, e o rigor dele permitiu que eu passasse por esse período sem me contaminar: eu separei roupas que seriam utilizadas apenas no ambiente hospitalar, três peças de calça e três de camiseta; máscara N94, anti aerosol; uma máscara hospitalar simples por cima; um par de tênis. Chegava em casa após a visita, retirava toda a roupa na cozinha e a jogava na lavanderia. Tomava banho, lavava os cabelos, unhas, orelhas, entre os dedos. E, enquanto estava no hospital, não utilizava o banheiro e não tomava água, para não correr o risco de entrar em contato com os aerossóis que a minha mãe ainda estava produzindo.

Uma peça importante nessa história é uma amiga muito próxima, médica, que estava no enfrentamento da pandemia no Rio de Janeiro. Mesmo com todo o trabalho que ela tinha

lá, Natalia me mandava mensagens todos os dias, perguntando dos meus pais e aconselhando, sempre que possível. Eu passava para ela diariamente o boletim sobre a minha mãe, resultados dos exames, quantidade de oxigênio que ela estava usando no cateter. E, naquele primeiro momento, ela me ajudou a passar por aquela tempestade de uma forma muito mais tranquila. Eu achava que, com a melhora da minha mãe, nossa pior parte havia terminado.

No entanto, meu pai continuava piorando. Ele entrava no sétimo dia de sintomas apresentando picos de febre e falta de apetite, porém insistia em dividir comigo a tarefa de acompanhar minha mãe ao hospital, mesmo que ela estivesse apresentando melhora pelo tratamento e caminhava para a alta. Minha mãe implorava para que eu o fizesse ficar em casa, mas ele estava lá com ela durante todo o tempo que eu não podia, pois, meus atendimentos não haviam parado e eu não conseguia acompanhar ela durante o dia todo. No quinto dia que ela estava internada, meu pai passou por consulta e fez uma tomografia, que mostrou um acometimento grande nos pulmões. Ele foi internado no quarto ao lado dela.

Naqueles seis dias que ficamos dentro daquele casulo com a minha mãe, a situação havia piorado em dezenas de vezes mais do que imaginávamos. Os leitos daquele pequeno hospital particular haviam se enchido de pessoas com a infecção, e começávamos a escutar as histórias das cidades vizinhas. Leitos lotados, pessoas falecendo com pouco ou nenhum atendimento médico. Na minha prática clínica, chegávamos ao pico de estresse por pacientes que estavam contaminados e desmarcavam seus atendimentos de fisioterapia ortopédica ou neurológica e que precisavam de atendimento domiciliar por conta da pneumonia grave que assolava centenas de pessoas no nosso município.

No dia que minha mãe saiu do hospital, nós liberamos um leito para outra pessoa entrar. Meu pai, no quarto ao lado, já estava com cateter de O2 com uma quantidade de litros muito maior do que minha mãe estivera em seus piores dias dela. Podíamos escutar as tosses dele de onde estávamos, mas, naquele ponto, o hospital havia proibido as entradinhas que eu costumava fazer para vê-lo, pois o quadro de saúde das pessoas era muito grave e eles não podiam sustentar ter mais uma pessoa infectada que estivera ali dentro. Portanto, o tratamento e a ajuda que demos à minha mãe naquele tempo que ela ficou internada, nós já não pudemos dá-lo ao meu pai, que precisou ficar sozinho.

Quando entramos naquele lugar da primeira vez, era como se o mundo ainda estivesse dentro do eixo, ainda girasse para o lado certo. Ao sair de lá, com a minha mãe, mas, sem o meu pai, eu sentia como se o apocalipse estivesse perto de chegar, e nós só estávamos nos preparando para ele, pois o pico ainda não havia chegado. Estávamos escalando uma montanha onde não podíamos ver a sua parte mais alta, então não tínhamos noção das proporções que aquela pandemia tomaria, dentro e fora de nossa família.

Meu pai continuou a piorar, e eu consegui entrar escondida no hospital duas vezes para vê-lo. Uma, pela entrada da ambulância, e a outra, pela porta da frente ajudando uma senhora. O corredor em que ficavam os quartos do isolamento estava todo coberto de placas e sinalizações, lembrando a equipe sobre o isolamento de aerossol. Havia álcool por todos os cantos, e mais de uma vez eu vi médicos e enfermeiros se banhando nos sprays para tentar evitar carregar o vírus em suas roupas, cabelos e equipamentos.

Minha amiga Natália, continuava conversando comigo diariamente, e eu continuava a dar a ela os boletins diários sobre

o meu pai, que eu conseguia com ela quando conversávamos pelo whatsapp. Ele passou a não conseguir mais nos mandar áudios, e escrevia frases curtas, pois dizia que até o movimentar das mãos o fazia ter crises de tosse, e isso causava dessaturação e falta de ar. Em um determinado momento, ela me disse para procurar um leito em um hospital que tivesse uma UTI, já que aquele que ele estava não possuía, pois os hospitais estavam enchendo e, se ele precisasse de um leito, não haveria nenhum. Esse conselho fez toda a diferença para a vida do meu pai.

Procurei o médico e pedi ajuda, em menos de 72 horas, meu pai estava sendo encaminhado para outro hospital da região, na cidade vizinha, que continha várias UTIs com 100% de leitos voltados para o COVID-19. Soubemos, muito tempo depois, que meu pai havia pego o último leito do hospital todo, e ele seria o primeiro a sair vivo daquele lugar. Ele foi transferido de ambulância, com profissionais de máxima responsabilidade e agradeço imensamente pelo trabalho que fizeram a ele e a diversos outros durante o período da pandemia. Sob estresse absoluto, eles carregaram meu pai para o lugar onde ele moraria pelos próximos 40 dias.

Ele não se lembra de como chegou lá, mas eu sim. Ele não tinha completa noção de onde estava, nem com quem, e isso fez meu estômago embrulhar. Uma pessoa com baixa consciência sem o uso de remédios significava uma baixa de oxigenação, e isso estava causando um dano severo ao cérebro. Eu sei, eu lido com isso todos os dias. E ver meu pai sendo levado, semiconsciente em uma maca, direto para a UTI, me levantou pela primeira vez dúvidas se eu o veria novamente ou não.

Nós tínhamos, todo santo dia, notícias chegando de pessoas que não puderam se despedir de seus entes mais queridos pois eles haviam falecido em uma UTI de COVID-19. Revoltas

de famílias, pois às vezes havia confusão na liberação dos corpos. Pessoas que abriam os caixões para confirmar se seu parente estava ali e descobriam que não havia nada lá. Funerais feitos e desfeitos por conta de documentação não emitida. Enfim, foram dias duros para se viver e até de se morrer.

Eu imagino, sentada agora onde estou, o estresse absurdo que os profissionais de saúde tiveram naqueles hospitais. É algo inerente ao ser humano, natural, que tentamos salvar a vida de alguém da mesma espécie da nossa. Isso é sobrevivência básica, e, graças à nossa capacidade de criar meios para que essa sobrevivência continue acontecendo, a medicina surgiu. E ver que nenhum desses meios que foram criados poderiam evitar que essas vidas fossem perdidas deve ter sido algo de extrema frustração e desespero, pois muitos desses profissionais atendiam seus próprios familiares e amigos. Não existe uma forma de se acostumar a ver morte todos os dias, e, mesmo assim, eles precisaram passar por esse momento carregando a vida das pessoas em suas mãos e rezando para que a ciência descobrisse algo que poderia ajuda-los a curar o máximo de pessoas o possível.

Meu pai piorou, melhorou, e piorou de novo. Ele usou a temida máscara de CPAP por, pelo menos, sete dias. Ele aguentou aqueles dias com ela, mesmo com as tosses, os medicamentos infinitos, e zero comunicação com a família. Ele lutou contra a doença até que ela atingisse níveis extremos em seus pulmões, e começasse a matar suas células pulmonares.

Numa terça-feira, pela manhã, eu recebi uma mensagem da Natália. Ela precisava falar comigo. Disse que estava finalizando um atendimento e que ligaria para ela assim que possível. Eu sabia que o tio dela estava trabalhando no mesmo hospital em que meu pai estava naquele momento, e que nós costumávamos receber os boletins às 17:00, então ainda faltavam mui-

tas horas para termos qualquer notícia do meu pai. Eram 11:00 quando eu liguei para ela e recebi a notícia de que meu pai havia desenvolvido SARA, fora entubado, e que estava ligado à nora-drenalina pois não mantinha pressão suficiente. A única coisa que eu perguntei a ela foi quantos pacientes de SARA ela já havia atendido que sobreviveram. “Poucos”.

Vamos aos termos médicos, agora: SARA é uma sigla para Síndrome da Angústia Respiratória do Adulto. De uma forma simplificada, é um tipo de falência dos pulmões, quando eles estão tão saturados de líquidos pela inflamação aguda, que param de fazer a troca gasosa de oxigênio e gás carbônico, que basicamente é o que nos permite viver. Ela costuma ser fatal, e acontece dentro de algumas horas. A noradrenalina estava sendo administrada para manter o coração dele batendo, já que a falta de oxigenação gerou também uma falência cardíaca, e o coração dele não podia bater com força o suficiente para manter o sangue circulando em seu corpo.

Eu já conhecia muito bem a intubação por SARA, pois já havia acompanhado algumas no meu tempo, no hospital. Eu sabia das chances de sobrevivência e naquele momento eu só pensava em ir para casa e contar à minha mãe que o pior poderia acontecer dentro das próximas horas, e por isso a Natália havia me ligado, e não o hospital. No último boletim médico, dado na segunda-feira, ele continuava estável e bem. E, no boletim daquele dia, poderíamos receber a pior notícia sem saber o que havia acontecido. Minha mãe ainda estava se recuperando, mas ela nunca imaginava que a saúde dele chegaria àquele ponto crítico. Eu me lembro muito bem quando ela me perguntou o que a gente faria, e eu respondi, olhando nos olhos dela: não vamos rezar para que ele melhore, vamos rezar para que ele chegue na próxima etapa do tratamento.

Foram dias escuros e muito turbulentos. Eu me dividi em três, e cheguei à conclusão que foi algo divino que me permitiu resistir àqueles dias, sabendo o que poderia acontecer em uma fração de segundos. A primeira de mim se concentrou em trabalhar. Eu ainda atendia uma grande leva e pacientes com COVID-19 e com a síndrome pós-COVID, além dos meus pacientes normais. A segunda de mim estava de mãos dadas com minha mãe, que precisava de forças para aguentar aquele período e precisava estar preparada caso o pior viesse a acontecer. E a terceira de mim ligava todos os dias às 17:00 ao hospital para receber os boletins e falar diretamente com o médico que acompanhava meu pai.

Eu me apresentei como fisioterapeuta e disse que ele poderia ser muito franco comigo. Eu já havia estado em uma UTI e sabia muito bem como são feitas as decisões lá dentro. E, mesmo assim, meu coração parava por um segundo enquanto o médico juntava as palavras para me dizer que ele continuava estável. Estável, não era exatamente o que queríamos ouvir de um pai que estava lutando contra a morte em um hospital longe de casa. Mas, ainda assim, eu via com contentamento o fato de que ele continuava a respirar, mesmo que não fosse exatamente da forma como queríamos.

Estável servia, por hora.

Os dias passavam mais rápido do que as notícias voavam. Hoje ele estava com uma porcentagem de O₂ e com uma determinada pressão no respirador. Amanhã, o oxigênio havia baixado um grau, e a pressão se mantinha. Era uma vitória. Ele não ficaria intoxicado pelo oxigênio elevado, e isso diminuía as chances de uma lesão cerebral permanente. No dia seguinte, alguém da nossa cidade, internado no mesmo hospital que ele, morria, e precisávamos engolir e continuar a caminhar pensan-

do que, dessa vez, não havia sido ele. Ele continuava estável. E, sua estabilidade o permitiu sair do uso da noradrenalina. O coração dele batia bem, melhorando a cada dia.

Mas a infecção era complicada de tratar. Enquanto os parâmetros do ventilador mecânico melhoravam, sua quantidade de antibióticos aumentava, e ele já chegava a quase vinte dias de sintomas de COVID-19, muito mais do que a maioria das pessoas estava precisando lidar. Além disso, a sua sedação não podia ser diminuída, pois ele se agitava e chegou a arrancar a tubo uma vez, obrigando a equipe a refazer a intubação emergencialmente, caso muito comum para um paciente em coma induzido durante muitos dias.

A partir do 8º dia de intubação, havia outra preocupação além daquelas que já nos permeavam: sua saúde neurológica. Após uma quantidade de dias em coma, com a atividade cerebral baixa, pode ocorrer uma perda de neurônios, que são as células que fazem nosso cérebro existir. E elas não podem ser recuperadas, por isso temos que tomar tanto cuidado nessas situações, pois acontece de uma pessoa ser colocada em coma e demorar muitos anos até sair dele, e às vezes ela não consegue e acaba ficando dependente de aparelhos para o resto da vida.

No 9º dia, recebo uma ligação de uma médica do hospital que, toda delicada, sugeriu uma traqueostomia. Respirei aliviada, e concordei na hora. Eu esperava ansiosamente o dia que seria sugerido esse procedimento, pois aquilo significava que a vida do meu pai estava muito mais próxima de ser normal. Normal aqui eu uso como termo amplo, pois eu sabia a estrada que ele viveria após a saída do ventilador mecânico. E eu sabia, também, que a traqueostomia não seria vista como uma alternativa para pacientes que não tivessem possibilidade de melhora. Minha mãe foi contra, pois escutávamos coisas horríveis da tal

“traqueo”. Tranquilei ela e disse o que eu pensava: ela vai permitir que eles retirem a sedação. Mas é um buraco na garganta dele, ela disse. Ele vai agradecer por isso, fique tranquila; 48 horas depois, meu pai estava fora do tubo orotraqueal, e havia sido ligado aos aparelhos pela traqueostomia.

Depois daquele procedimento, finalmente as notícias boas começaram a chegar. O seu nível de oxigênio estava perto do normal. A sedação estava sendo retirada, com o mínimo de agitação por parte dele. A infecção estava controlada, mesmo que ainda não estivesse curada. Ele abriu os olhos pela primeira vez. Ele sinalizou com a cabeça pela primeira vez. Os exercícios de fisioterapia o ajudavam todos os dias a recobrar os músculos da respiração, perdidos pela infecção e pelo uso da respiração externa. E ele caminhava a cada dia para o desmame do ventilador mecânico.

Foram 16 dias de uso de ventilação. Faça um exercício mental: pense, onde você estava há exatos dezesseis dias atrás? Você consegue se lembrar, com exatidão, o que você estava fazendo? Consegue se lembrar dos cheiros e das sensações, dos rostos e das vozes das pessoas ao seu redor? Quando imaginamos todos esses dias em uma folha plana de calendário, não nos parece muita coisa. Mas, quando tentamos imaginar que, naquele momento, dezesseis dias atrás, deitaríamos e dormiríamos, e só acordaríamos agora nesse exato instante, o quanto teríamos perdido? É um tempo que não retorna, e o mundo continua girando na mesma velocidade que estava enquanto estivemos dormindo.

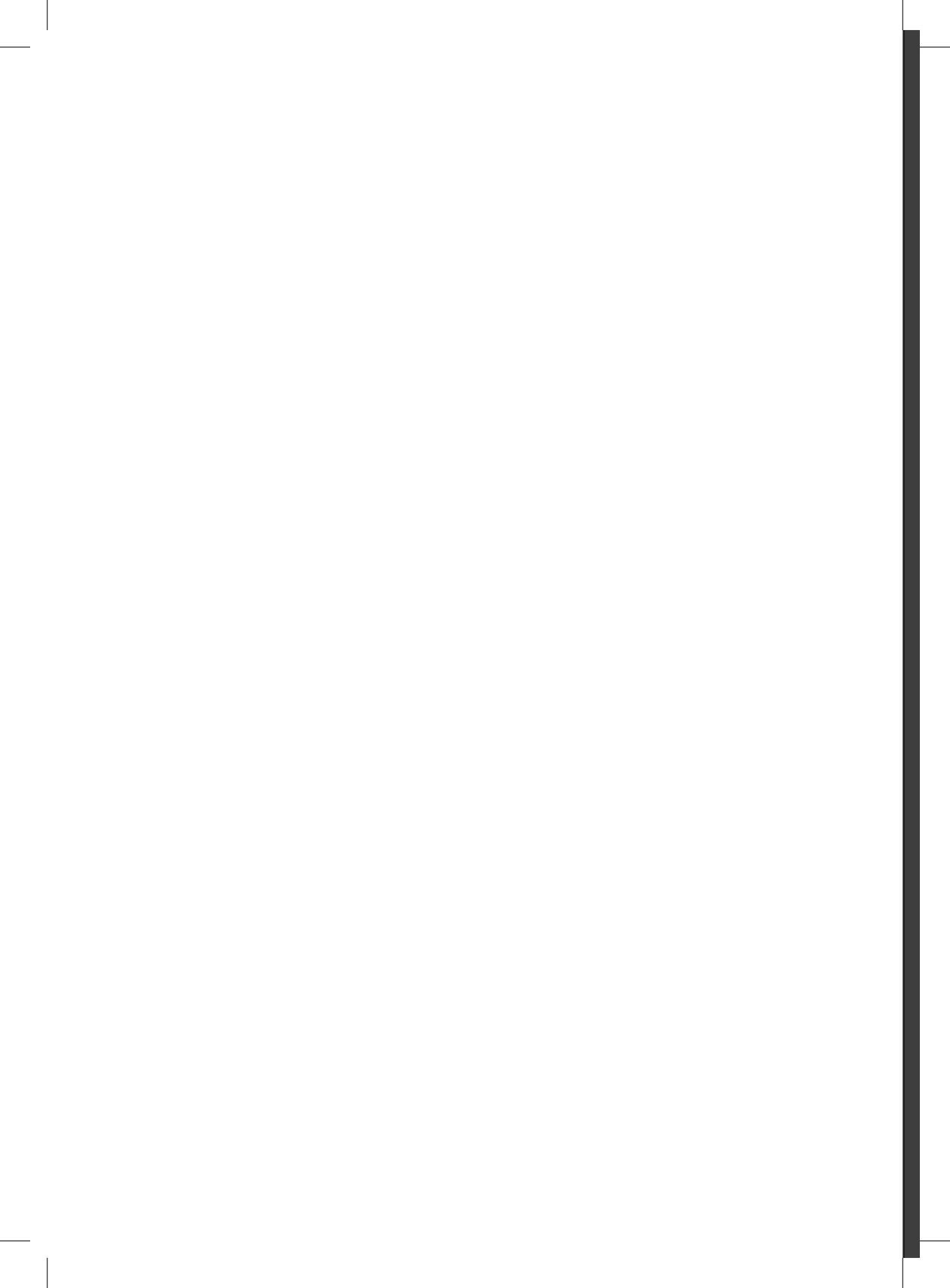
Depois de um dia de trabalho, sentada à minha mesa enquanto terminava as evoluções diárias dos meus pacientes, recebi uma mensagem do tio da minha amiga, o médico que trabalhava onde meu pai estava internado. Ele disse que meu pai havia sido

movido da UTI para o CTI, e já tinha os olhos abertos. Perguntou se eu gostaria de vê-lo por uma ligação de vídeo e eu aceitei na mesma hora. Quando vi meu pai pela primeira vez desde o dia em que ele fora internado naquele hospital, foi um choque de alívio ao mesmo tempo que um susto. Ele estava ainda bem confuso e não me reconheceu, naturalmente. Os medicamentos usados para a sedação são muito fortes, e demoram muitos dias para serem completamente eliminados do corpo. Seus olhos estavam inchados e ele tinha a sua traqueostomia ocluída por uma gaze, mas ele olhou fixo para a câmera do celular e observou meu rosto por um momento. Conversei com ele, expliquei quem eu era e que estava com saudades, e ele me deu um sorriso. Mesmo sem saber quem eu era, acho que meu pai sabia que não estava sozinho naquele novo mundo em que ele havia acordado.

Os nossos desafios estavam apenas começando, mas o primeiro passo havia sido dado, logo teríamos de volta aquele para quem oramos muitas noites, e nossa vida poderia começar a caminhar novamente com ele ao nosso lado.



Aponte aqui a câmera do seu celular e veja o vídeo



CAPÍTULO 3

Por Ulisses Delvaz Gandolfo

Antes de entrarmos no período em questão vou fazer um breve histórico de meu pai, ele não foi somente um pai. Todas as vezes que o chamo de pai sinto que o minimizo, é um super-herói. Não destes com superpoderes, não não, assim seria fácil demais, é um super-herói e seu poder é seu coração. Altruísta, humilde, gente finíssima, de caráter, honra, dignidade e honestidade. Meu pai é um super-herói pois tudo que fez em sua vida conseguiu ajudar alguém, principalmente a nós, sua família.

Obviamente que demorei a entender assim, fui rebelde, briguei, fiz cara feia e hoje penso quão imaturo eu era. Meu pai, com muita ajuda de minha mãe, me ensinou a ser valoroso ao mundo, me ensinaram a amar, a respeitar. Transformaram um garoto cheio de razão em um homem. Me ensinaram quão bela é a vida quando a gente quer fazer o bem aos demais. Me ensinaram que caráter e dignidade são as mais belas e valiosas características que um homem pode ter. Quando entendi isso, passei a respeitá-los muito mais, pois sabia quanto tempo havia perdido simplesmente recusando seus conselhos.

Bom, vamos a mais fatos sobre meu herói. Meu pai me ensinou tudo que sei. Desde esportes até conhecimento em engenharia agrônômica (área de formação de nós dois). Ele sempre

foi meu parceiro, antigamente para o videogame e atualmente para aquela cervejinha acompanhada de uma bela pizza. Me demonstrou tanto amor, mas tanto, que nunca desistiu de mim, mesmo eu querendo ter desistido em alguns momentos. Meu pai me ensinou que amar uma mesma mulher todos os dias é a melhor sensação possível, e sou grato a Deus por ter escutado isso. Também me ensinou a ser pai, a amar e a corrigir o filho e hoje, eu, como pai que sou de minha filha Antonella, sou ainda mais grato a ele e a minha mãe por terem me demonstrado como o amor deve ser passado de um pai para um filho.

Profissionalmente, meu pai também é um herói. Como trabalho viajando, sempre escuto de alguém: “você é filho do Gandolfo?”, e, após uma resposta orgulhosamente afirmativa, vejo a expressão de surpresa e normalmente escuto: “ele é uma lenda por aqui”. Sim, ele é uma lenda por aqui, por ali, por lá e por cá, um verdadeiro super-herói.

Além disso tudo, encontra tempo para lecionar e orientar alunos na faculdade e em nossa empresa, da qual somos sócios. E o faz com todo o coração, o que em certas ocasiões acaba gerando alguma discussão entre nós, pois eu me considero uma pessoa mais fria nos negócios, corroborando com o fato de que meu pai age com o coração independentemente da relação afetiva que tem com as pessoas.

Claro que não podia esquecer da influência que ele me passou sobre uma das nossas maiores paixões: carros. Nós os amamos. Claro que nem todos, mas amamos passar horas e horas falando de quão emblemático é aquele modelo ou quão fadado ao fracasso é aquele outro. Falamos sempre de quanto gostaríamos de ter milhares de carros, de como gostaríamos de viver dirigindo belos exemplares de carros potentes e clássicos. Até temos uma pequena coleção de carros, com modelos anti-

gos, porém cuidadosamente restaurados. Claro que não pode faltar uma acelerada. Com muita responsabilidade, mas que deixa borracha no chão.

Dentro dessa paixão também se encontra o automobilismo. Um dos nossos mais aguardados encontros é aos domingos, quando nos reunimos em sua casa, abrimos uma cerveja e assistimos Fórmula 1. Durante aquelas duas horas de corrida, parecemos 2 comentaristas de altíssimo nível, criticando estratégias de equipes ou dirigibilidade de pilotos, fazemos previsões sobre resultados e ao final brindamos pelo momento.

Este breve resumo tem o objetivo de apresentar um pouco como eu vejo meu pai. Como um herói. Um amigo, um irmão, um parceiro de viagens (a trabalho e a lazer), um parceiro de carros, um parceiro de corridas, um parceiro de cerveja, um parceiro de tudo. Parceiros eternos, em tudo. Pai e filho, juntos, curtindo as mesmas coisas, refletindo sobre a vida e sendo felizes. Eu te amo pai, e perdê-lo seria uma dor incomparável, uma dor única, uma dor que eu nunca quis sentir.

Porém, tudo mudou naquele 27 de Fevereiro de 2021...

Meu pai e minha mãe contraíram Covid no início do feriado de carnaval de 2021. Minha mãe primeiramente e depois meu pai. Minha mãe foi internada em um hospital local. Tive alguns momentos de medo, porém tudo passou, graças a Deus. Já com meu pai foi diferente. Ele não apresentou sintomas iniciais, relatava sempre que estava bem, que tudo não passaria de um susto. Inclusive relatou certa vez que, após uma forte sudorese durante a noite, se sentia curado.

No dia 27 de fevereiro algo mudou. A mensagem enviada por meu pai a mim já não continha sinais positivos. Era uma mensagem relatando fortes dores de cabeça, febre e tosse. Con-

fesso que, conhecendo a força de meu pai, achava que logo estaria melhor. Porém após esse dia tudo piorou. Sintomas cada vez mais fortes, relatos negativos e abalados do meu herói que também precisou de internação. Como estava impedido de ir ao hospital vê-lo, suas mensagens eram agonizantes. Pouca resposta por parte dele, e quando conversava comigo, escrevia tudo errado. Percebi que ele não estava bem.

No dia 02 de março, ele me passou algumas mensagens de um contato da seguradora. Disse que o havia feito pois não sabia se voltaria para casa e queria ter certeza que tudo estava certo com o seu seguro de vida. Naquele momento, tudo que eu achava estar mal piorou muito para mim. Conheço essa sensação. Essa sensação de desistir. No mês de junho de 2020, com minha esposa grávida de nossa filha, tive uma apendicite. Com muita dor e internado aqui em Bandeirantes, fui orientado pelo meu pai a me transferir ao Hospital do Coração, em Londrina para ter certeza que estivesse em um local com boa estrutura para o tratamento. Essa atitude salvou minha vida, pois eu tive complicações durante minha cirurgia, sendo necessário refazê-la, além de ter de fazer também outras 3 cirurgias para contenção do vazamento que ocorreu durante a primeira cirurgia. Fiquei 18 dias internado, tendo febre e fortes dores, escutando que meu nível de infecção só aumentava. Eu me senti derrotado. E naquela mensagem percebi que meu pai também estava assim. Derrotado, sem forças para lutar. Afinal, seu estado só piorava, mais complicações surgiam e suas forças se esgotavam.

Outro problema em paralelo a doença do meu pai foi a preocupação e o sentimento de culpa de minha mãe. Notícias se espalhavam sobre quantas pessoas morriam diariamente de Covid. Histórias tristes aumentavam exponencialmente em noticiários e grupos de aplicativos de mensagens. Minha mãe se

sentia culpada pelo estado do meu pai por entender que havia transmitido a doença a ele. Chorava muito e passava o dia todo com pensamentos negativos. Quando encontrava minha mãe sentia a necessidade de protegê-la de si mesma e de seus pensamentos negativos. E, por mais que eu também suspeitava que perderíamos meu pai, nunca disse isso a ela. Me cuidava para ser completamente positivo para ela e desabar em choro quando ela saía.

O que ninguém queria falar finalmente foi falado. Recebia as atualizações do estado de meu pai por telefone, ligando para o hospital por volta das 17:30 todo dia. No dia 15 de março a ligação teve um teor um pouco diferente. Ao falar com a médica, a mesma chorava e dizia não ter boas notícias. Aquele momento eu não me esquecerei nunca em minha vida. A sensação de medo, de frio, de agonia que tomou meu corpo. Meu pai não conseguia mais respirar por conta, sentia dores fortes e havia pedido para ser intubado. Sabendo das dificuldades que esse procedimento causava em paciente, principalmente os com Covid, e que poucos sobreviveram e saíram da intubação naquele momento da doença, o que me tomou foi puro desespero.

Acreditei, naquele momento que tudo acabaria. Os jogos, as corridas, os carros, os passeios, as paixões... Eu senti e confirmo, quando estamos na iminência de perder alguém próximo, um filme de horas de duração com os momentos vividos juntos passa em nossa mente. Desabei em choro forte, e fui logo abraçado pela minha esposa, que tentava me confortar sabendo que nada adiantaria. Ambos, unidos a toda a família e a todos os amigos sabíamos o que aconteceria. Nós perderíamos nosso pai.

O que se seguiu foram dias de extrema agonia, com meu pai sendo tratado intubado e poucas notícias nos eram dadas.

Após 11 dias intubado, meu pai, por orientação médica, precisaria ser extubado, devido a necessidade de a pessoa se desacostumar com o processo de intubação e voltar a trabalhar seu organismo normalmente. Esse momento foi de extrema cautela, pois meu pai não conseguia sair da intubação, seu corpo reagia, mas ele necessitava da intubação para viver. Os médicos ressaltavam que danos neurológicos podiam ocorrer à medida que a pessoa permanecesse muito tempo intubada.

Sendo assim, as orações começaram a ser mais intensas para que meu pai conseguisse sair do tubo sem muitos prejuízos para sua saúde. E aqui faço uma ressalva, nem consigo quantificar o número de pessoas que me ligavam e mandavam mensagens todos os dias dizendo que estavam orando pelo meu pai. Durante todos os momentos dele no hospital eu tenho a certeza de que Anjos e Santos estavam ali, ao seu lado, lutando contra os males da doença e ajudando-o em sua cura, deixo aqui meus mais sinceros agradecimentos a todos que de alguma forma ajudaram incluindo o nome de meu pai em suas orações.

Um fato curioso, ocorrido no dia 23 de março foi que minha sogra, uma pessoa especialmente religiosa, foi até minha casa fazer uma oração para ele. Foi uma oração linda, forte, segura. Uma chuva forte começou a cair, impedindo-a de ir embora à noite, então ela resolveu dormir em casa e ir embora no outro dia pela manhã. Me chamou a atenção que, no outro dia pela manhã, minha esposa disse que minha sogra não tinha conseguido dormir, relatando que havia sentido uma presença má em minha família. Com toda sua força e fé, lutou contra essa energia negativa orando muito, até que sentiu que a mesma foi embora. Deixo aqui também um agradecimento a ela, que tanto me ajudou naqueles momentos de sofrimento e desespero.

Milagrosamente, meu pai conseguiu se desfazer do tubo, após 12 dias intubado, com a ajuda de um procedimento cirúrgico conhecido como traqueostomia. Este procedimento que teve o aval da família salvou sua vida e aos poucos ele pode sair daquela agonia.

Em 30 de março, recebi a ótima notícia de que meu pai estava acordando. Não hesitei em enviar a ele um áudio parabenizando-o por toda a luta. Naquele momento o desespero passou em parte, pois todos no hospital, durante as atualizações, ressaltavam como ele fora forte ao sair daquela situação. Claro que ele estava meio atordoado e esquecido de algumas coisas, inclusive de nós. Então, os anjos, também conhecidos como enfermeiras, me ligaram e pediram para que eu enviasse fotos e vídeos de coisas que ele amava. Enviei fotos dos carros, da nossa área de lazer, fotos nossas e também fotos da netinha dele, que ansiosamente o aguardava em casa.

Dia 08 de abril foi um dia de gigantesca felicidade, pois após mais de 1 mês internado e isolado, meu pai teve alta do Hospital da Unimed de Cornélio Procópio, local que ficará eternamente em minhas lembranças, pois foi o local que salvou a vida do meu herói. Essa felicidade durou menos de 24 horas, pois na madrugada do dia 09, após muitas dores em casa, meu pai precisou voltar ao hospital e uma decisão lá foi tomada pela equipe médica, que ele iria para o Hospital do Coração, localizado em Londrina, por estar com derrame pleural e pneumonia. Sim, o mesmo hospital que havia salvado minha vida um ano antes. Conseguimos o transporte e meu pai foi levado para lá. Após procedimentos com pulmão e complicações com o coração novamente ele foi melhorando e já conseguia nos enviar mensagens. Desta forma, sabíamos quão bem ele estava e que estava se recuperando.

Após quinze dias de internamento em Londrina, meu pai voltou para casa. Ele venceu a batalha contra o Covid. Meu herói mais uma vez se mostrou digno de tal classificação. Claro que, assim como todo herói, ele contou com muitas pessoas nessa jornada para ajudá-lo, e deixo aqui um agradecimento cheio de amor a todas estas pessoas. As enfermeiras(os) e médicos(as) dos Hospitais da Unimed em Cornélio Procópio e Hospital do Coração em Londrina, muito obrigado por salvarem meu pai. Sabemos quão sofrido foi este momento na vida de vocês e não conseguiríamos imaginar a dor que passaram, mas vitórias como esta deve sempre lembrá-los de quão necessários vocês são na vida de todos nós. As pessoas que oraram pelo meu pai, muitíssimo obrigado, relatos espirituais não faltaram de pessoas que diziam estares próximas a meu pai e relataram que ele se sentiu protegido a todo momento. A minha mãe e minha irmã, sou grato por terem corajosamente feito todo o possível e necessário neste difícil momento e terem ajudado na longa recuperação de meu pai. E, obviamente, um muito obrigado a Deus, pelo milagre da vida dado a meu pai. Papai, eu te amo, meu herói!